
O processo de identificação do adolescente à luz da psicanálise contemporânea

*Não consigo enxergar saídas
Todas as portas parecem estar fechadas
Não consigo ficar encarcerada
Quero e quero muito estar num lugar como mar de rosas
Onde as rosas exalem um perfume agradável e não fétido
como os que sinto neste lugar.*

*Que a escuridão deste mundo seja substituída por uma
claridade pura nos meus olhos*

*Para que eu possa enxergar um local menos podre, sujo,
imundo como esse!*

*Que o meu ser encontre a liberdade, a paz que eu tanto
procuro*

*Sei que Deus iluminará meus passos, concedendo-me aquilo
que tanto anseio: PAZ.*

(Alessandra, 18 anos)

*Quero ser médico, mas não gosto de estudar e não suporto
biologia.*

(Fábio, 17 anos)

Pensei em desenvolver este capítulo de forma clássica, conceituando adolescência, identidade, processo de identificação. Poderia des-

crever a compreensão psicanalítica desses fenômenos dentro do *continuum* evolutivo que a psicanálise possibilita compreender do desenvolvimento psicosexual, desde o final do período de latência à resolução da adolescência. Entretanto, optei por contar passagens da vida de alguns jovens como Cláudia, entre Alessandras, Fábios e Robertos, para caracterizar aspectos do processo de identificação do adolescente.

A poesia de Alessandra é reveladora de um estado mental depressivo pelo qual passam muitos adolescentes em momentos críticos do seu desenvolvimento. O diagnóstico diferencial entre a normalidade e a patologia pode ser difícil. A compreensão dos fenômenos clínicos emergentes depende da compreensão da estrutura, da dinâmica e da economia psíquica subjacentes. A transparência de sua sensibilidade poética é reveladora de uma realidade interna angustiante. O ego fragilizado sinaliza a desesperança capaz de resultar em atuações autodestrutivas.

Suas palavras expressam desejos conscientes e inconscientes de impotência e fuga de uma realidade vivenciada como insuportável ante contínuas frustrações “Todas as portas parecem estar fechadas”. Alessandra está à beira do abismo. Referenciais internos idealizados e infantis “Quero e quero muito estar num lugar como mar de rosas” conduzem-na a atitudes radicais.

Encruzilhadas de desejos, mistérios, desafios e descobertas, carência de experiências, conflitos entre partes do seu mundo subjetivo e a realidade exterior, condições inerentes à adolescência levam-na a sentir que seu mundo é fétido e escuro. Anseia encontrar um outro mundo idealizado refletido em suas palavras: “que a escuridão deste mundo seja substituída por uma claridade pura nos meus olhos”. Esquece-se ou desconhece porém que a claridade pura, se for intensa, também pode cegar.

A essa situação complexa acrescem-se questões inerentes à dinâmica familiar que se transforma com a adolescência dos filhos, coincidindo com a segunda adolescência dos pais, a “envelhescência”. Não raro, o jovem pode ser sujeito, objeto ou simplesmente o emergente de conflitos familiares que ampliam a complexidade do processo evolutivo.

Essa poesia, escrita num momento crucial da vida de Alessandra, é reveladora de um estado mental pouco flexível, determinista, autoritário. Impossibilitada de suportar o conjunto de sentimentos e desejos contraditórios, defende-se das angústias cindindo a percepção das realidades interna e externa. Em consequência, não consegue vislumbrar

esperança, “não consigo enxergar saída”. O elevado grau de radicalismo, de idealização, negação da realidade leva-a a querer “muito estar num lugar como mar de rosas”, perfumado e isento de aspectos negativos e frustrantes. Seu mundo subjetivo está dominado por uma visão parcial do universo afetivo.

Ao buscar um mundo radicalmente idealizado, Alessandra não se dá conta de que está criando uma armadilha para si, não enxergando saídas. Esses são movimentos inconscientes. Provavelmente todas as saídas contêm algum elemento frustrante com o qual ela não quer lidar ou acredita não poder suportar.

Alessandra é muito inteligente e sensível para expressar aspectos parciais de seu mundo interior. Mas está muito distante de poder estabelecer maior integração entre seus sentimentos antagônicos. Não encontra maneira de incorporá-los ao seu eu, transformá-los em afetos, em elementos simbólicos. Parece sentir-se inviabilizada para se aliviar da angústia e recuperar a auto-estima. Só lhe resta como saída refugiar-se lá onde presume que haja paz.

Pressionada pela vida pulsional, desejos eróticos e agressivos mesclam-se nas redescobertas da vida objetiva e de suas potencialidades físicas, psicológicas, intelectuais, afetivas e sociais. Quer se libertar de si mesma, de sua dependência infantil, dos pais da infância, reestruturar seu mundo subjetivo.

É a luta entre o bem e o mal que a humanidade vive. No adolescente, ela emerge com o vigor da juventude e com a severidade de um superego ora protetor ora vingativo, ameaçado pela criatividade emergente. Winnicott (1975) em “A criatividade e suas origens”, capítulo de *O Brincar e a Realidade*, afirma que é a criatividade que dá “o colorido de toda a atitude em relação à realidade externa”, e que é por meio da “apercepção criativa” que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. A cisão na qual Alessandra está imersa impede-a de discriminar os elementos positivos e construtivos do seu ser, buscando pureza e paz num mundo idealizado que supõe encontrar na morte.

Alessandra queria conhecer a vida, mas temia seus impulsos sexuais, agressivos e as frustrações que acompanham as experiências emocionais.

Seus próprios versos, 3 e 5 anos mais tarde, revelam, novamente com transparência e autenticidade, a evolução estrutural, dinâmica e econômica de sua atividade mental profunda.

Integração, senso de realidade, predomínio da posição depressiva, maior percepção da realidade interna e exterior refletem o reencontro do eixo interior em torno do qual circundam e se mesclam seus afetos. Adquire consciência de seus limites pessoais sem que isso denigra sua auto-imagem e sem demolir a esperança, centelha da vida.

A passagem do tempo (aos 21 e 23 anos) revela a consistência das novas aquisições de Alessandra quanto à maneira de lidar com suas fantasias, aumento da capacidade para suportar frustrações, melhor manejo da agressividade, adequação dos mecanismos defensivos do ego, maior tolerância superegógica. É nítida sua disponibilidade para lidar com os próprios limites na manutenção de estados de equilíbrio e coerência internos entre seus aspectos construtivos, destrutivos e criativos.

*Um dia eu acordei
desejando abraçar o mundo e seus problemas,
mas não consegui.
Um dia eu acordei
desejando eliminar todas as minhas dúvidas,
mas não consegui.
Um dia eu acordei
desejando que meu amor não partisse,
mas ele partiu.
Um dia eu acordei,
simplesmente acordei,
e consegui SER... FELIZ.*

(Alessandra, 21 anos)

ESPERANÇA

*A esperança é algo de mais maravilhoso
na vida de um homem.
Ter esperança é ter vida, é ter amor;
Ter esperança é querer esperar pelo amanhã,
é poder vislumbrar mil portas abertas;
é poder sonhar novamente com verdes campos,
com dias de sol e paixão.*

*É deixar-se irradiar interiormente pela
magnitude da vida;
é poder retirar das profundezas da alma
a força para a luta, conquista e, ao fim,
poder enxergar a vitória.*

(Alessandra, 23 anos)

Cláudia é uma garota que acaba de completar 13 anos. Ela está vivendo a turbulência característica desse período. Cláudia não representa a maioria dos adolescentes brasileiros, pois tem o privilégio de pertencer socialmente à classe média, não passa fome, tem família, freqüente escola. Isto é, possui as mínimas condições necessárias para alcançar níveis adequados de desenvolvimento físico e mental.

Tive oportunidade de conhecê-la logo após a morte de uma amiga e a sucessão de notas baixas na escola. Esse período culminou com a ingestão de comprimidos para dormir (usados ocasionalmente pela mãe) e bebida alcoólica. Cláudia acreditava não querer se matar. Estava confusa, com muito medo da reação de seus pais ante as suas notas. Estava sofrendo muito e queria paz. Não sabia por que agia assim: “eu queria simplesmente dormir, esquecer tudo”.

Cláudia teve uma infância aparentemente feliz, dentro de uma família estável e bem estruturada. Os pais consideram-se liberais e abertos ao diálogo.

A mãe se define como pessoa de personalidade forte, marcante, objetiva. É muito bonita, ansiosa, competitiva com sua filha, e está tolerando mal a luta de Cláudia por emancipação. Teme pelo comportamento arrojado e pouco conseqüente da filha, relacionado aos seus padrões de comportamento. Está perdendo o controle sobre a garota, e sente que isso lhe faz muito mal.

O pai, de aspecto atlético, apresenta-se como mais tolerante. Ele sugere que talvez não estejam sendo capazes de acompanhar o ritmo de crescimento da filha. Ora tratam-na como criança; ora esperam dela “um comportamento mais adequado ao seu tamanho: pôr ordem no quarto, dormir na hora combinada, conversar com as amigas sugeridas pelos pais, não brigar com os irmãos, pois já é grande”.

De fato, Cláudia é alta para seus 13 anos. Tem 1,70m de altura. Sua menarca ocorreu há um ano. É uma linda jovem, esbelta e sensual.

Seu rosto confunde inocência e sedução. Ela se diz atrapalhada com seus comportamentos oscilantes entre o súbito desejo de brincar com bonecas e a força da paixão. Com as bonecas brinca às escondidas. Receia não ser adequado para a sua idade. Entretanto, quando tomada pela paixão, sente-se excitada ao se imaginar ao lado de alguém.

Sua melhor amiga tem um namorado, e Cláudia está sempre junto deles. Ela se justifica: “gosto da minha amiga, mas talvez eu também goste dele. É tudo muito confuso”.

Conta-me que há momentos nos quais “tem muita vontade de fazer coisas erradas”. Sabe que se os pais souberem ficarão chateados, mas “há algo dentro de mim que basta meus pais me dizerem não que eu faço, e acho que não me arrependo”.

Rivaliza freqüentemente com a mãe: “ela pega muito no meu pé! Onde você foi, por que demorou?”. Ao mesmo tempo em que se mostra independente, auto-suficiente, admite ser desordeira. Deixa tudo espalhado pela casa: o tênis fica na sala, as meias no meio do caminho, o agasalho jogado sobre uma cadeira e os livros na mesa da cozinha.

Vive momentos explosivos, às vezes sem motivo aparente, e outros muito carinhosos. As roupas da mãe são utilizadas como se fossem suas. Mas basta a mãe se arrumar para Cláudia ter de encontrar algum defeito ou algo para criticar.

As tentativas de diálogo no sentido convencional nem sempre são possíveis, e tendem a se degenerar em discussões nas quais cada uma tende a defender seus pontos de vista, esperando da outra algo que a outra não é. Nos últimos meses tem estado mais impulsiva, inquieta e instável quanto ao seu humor. Chora com mais facilidade, assim como dá boas risadas.

Cláudia é descontráida, de fácil contato. Tem senso crítico, mas age com aparente desprezo em relação a muitas de suas condutas. Diz ser indiferente a julgamentos que poderão fazer de si: “estou pouco me lixando se me pegarem cabulando aula”, assim se expressa enquanto levanta os ombros em sinal de menosprezo.

Os pais de Cláudia descrevem suas próprias adolescências, como enfrentaram seus próprios pais para conquistar novos espaços e experiências. Enfatizam a intensidade das reações de Cláudia, tanto as hostis, quanto a forma como luta e defende seus interesses, ou as artimanhas que faz para alcançar seus objetivos.

Não nos deteremos na análise das vicissitudes específicas do desenvolvimento dessa jovem. Mas Cláudia nos dá a oportunidade de conhecermos muitos dos mecanismos pelos quais passam todos os que atravessam esse complexo e rico período da vida, pleno de transformações biológicas, psicológicas e sociais.

A história de Cláudia e a observação oriunda da relação psicanalítica permitem fazer considerações, a partir das manifestações relacionais, mais especificamente no nível transferencial-contratransferencial, a respeito da evolução dos movimentos pulsionais, das relações de objeto interno e mundo exterior, da organização estrutural que envolve o self e suas relações narcísicas, do ego e do superego.

Esse conjunto de fatores interage na organização, formação, e expansão do sentimento de ser e de conhecer. Eles são elementos coparticipantes do processo de identificação.

Utilizando-se de uma expressão de Erikson (1960), epigênese, pode-se dizer que a busca de uma identidade se faz por um processo contínuo, caracterizado por etapas críticas do desenvolvimento, que se organizam de forma dinâmica. Essas etapas servem de substrato para a organização de novos níveis de desenvolvimento e função.

Progressões e regressões ocorrem durante esse processo evolutivo, assim como períodos críticos que possibilitam a emergência de novas atitudes e relações inter e intrapsíquicas, as quais dão lugar a um processo mental dinâmico e criativo.

A experiência emocional vivida no desenrolar desse processo, quando incorporada à personalidade, fertiliza a expansão do ser e do conhecer. Abre as portas para a vida criativa, não só ligada ao sensorial, mas estimulada por este no encontro com o não-sensorial, expandindo assim a capacidade de sentir, de pensar, de optar e de agir.

O processo de identificação do adolescente está intimamente ligado à organização do aparelho psíquico primitivo e às suas etapas subseqüentes, durante a infância, com ênfase à revivescência do conflito edipiano precoce, segundo a teoria kleiniana, e posterior, como descrito por Freud.

A crise de identidade do adolescente decorre, *grosso modo*, como duas forças que se antagonizam: uma impulsionando-o para a vida adulta, e outra atraindo-o para “os privilégios” ou características da vida infantil. Diz-se que o adolescente deseja manter os privilégios da vida infantil e adquirir os da vida adulta sem ter de arcar com as suas conseqüências.

Essa força que o impulsiona para a vida adulta está intimamente ligada à emergência da sexualidade adulta, associada à capacidade reprodutora, bem como à reorganização egóica e do sistema de valores. Nessa luta para ajustar-se às transformações originárias dessa revolução biopsicossocial, inerentes à puberdade e fase inicial da adolescência, ocorre a emergência de um conjunto de mecanismos característicos da infância, e principalmente daqueles que representam os estados primitivos da mente.

Estou chamando de estados primitivos da mente o conjunto de manifestações psíquicas que caracterizam a estrutura do self primitivo quanto aos seus aspectos narcísicos e sua capacidade de integração no desenvolvimento dos núcleos egóicos.

Prevelem, nesse período, as relações de objeto parcial, no qual self e objeto apresentam-se indiferenciados. Fase que antecede o desenvolvimento da representação simbólica, quando as ansiedades de natureza catastrófica e defesas primitivas como identificações adesivas e identificações projetivas são intensas.

Não me estenderei no estudo das características da mente primitiva, mas desejo salientar alguns conceitos que contribuem para melhor compreensão do processo de identificação do adolescente, em suas várias etapas. Estas envolvem o estudo do narcisismo, da relação self/objeto primitiva e dos primórdios da organização egóica.

Inicialmente abordarei as características emocionais do final do período de latência e entrada na adolescência, de modo a municiar-me de elementos que possam ser identificados clinicamente pelas manifestações apresentadas por Cláudia.

Posteriormente, tomarei como pontos de referência as idéias de Freud, Aberastury e Knobel, Mahler, Bleger e elementos da teoria do self (Kohut, Storolow, Kernberg, entre outros), que, a meu ver, oferecem importantes contribuições para a compreensão dos movimentos psíquicos dessa etapa do desenvolvimento emocional.

FINAL DO PERÍODO DE LATÊNCIA — PUBERDADE — INÍCIO DA ADOLESCÊNCIA

As diferenças psíquicas existentes entre o final do período de latência e a eclosão da puberdade representam um contraste extraordinário. Freud (1905), nos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, descreveu o período de latência, o qual se caracteriza por uma quase total cisão entre os interesses e fantasias ligados à sexualidade e os interesses egóicos voltados para a vida social e intelectual.

Há nessa fase uma ampliação do campo de interesses ligados à vida de relação, tais como valores éticos, morais, sociais, questões técnicas e estéticas.

Uma discriminação bastante evidente ocorre entre as atividades e os interesses das meninas e dos meninos. Intensos mecanismos de recalque e defesas de caráter obsessivo emergem ante conflitos primitivos até então não suficientemente elaborados pelo ego. Graças a esses mecanismos de defesa do ego produz-se um aumento da tolerância à tensão, com maior liberação do ego para o desenvolvimento da aprendizagem e organização da vida ante a realidade objetiva.

A superação satisfatória dos conflitos edipianos possibilita a sublimação dos impulsos sexuais, transformando as relações primitivas estabelecidas com os objetos externos e internos em aspectos de sua identidade. O ego e os ideais do ego trabalham em sintonia.

Amaral (1969) salienta que durante a latência ocorre elaboração de angústias persecutórias e depressivas, resultando dessas atividades psíquicas certo desenvolvimento do ego.

“Os mecanismos reativos de vergonha, nojo, medo, escrúpulo excessivo e limpeza exagerada ativam-se no sentido da luta defensiva contra a masturbação e contra a sexualidade dos adultos, que é abominada. Nessa luta defensiva, a cisão é reforçada, consolidam-se as figuras idealizadas e as denegridas.” Mais adiante: “O mecanismo obsessivo de controle onipotente não se exerce só em relação à sexualidade, mas atinge uma esfera mais ampla. Assim tudo o que implica diferença é profundamente acentuado, mediando um abismo quase intransponível, por exemplo, entre o real e o imaginário, o corpo e a mente, adulto e criança, feminino e masculino, idealizado e persecutório. Os aspectos diferentes são considerados antagônicos e rigidamente mantidos afastados.

Nesse clima, a vida psíquica do menino ou da menina fortalece-se nos seus aspectos racional e intelectual, e sofre alterações no sentido da fantasia. As fantasias ligadas aos pais como objeto de interesse são recalcadas, e o imaginário desenvolve-se em relação ao homem fantástico e ao homem máquina, às comunicações interplanetárias, aos acontecimentos extra-humanos; o homem admirado é o homem-tocha, o invencível, o invulnerável. Os sentimentos de ternura, de carinho, são substituídos pelo ideal de insensibilidade, de superação dos sentimentos que causam dor.

O interesse quase que exclusivo do menino ou da menina no período de latência pelos da mesma idade e pelas aventuras extraordinárias favorece o afastamento em relação ao adulto. O adulto é mantido à distância, sob reserva. Controlando a realidade externa, evita estímulos eróticos, e as possíveis frustrações são contornadas.

No mundo interno, os pais são mantidos separados e onipotentemente controlados. Recalcando a fantasia dos pais sadicamente unidos, surgem as fantasias dos pais dessexualizados, que são elemento perturbador, pois são concebidos como ultra-exigentes e estão continuamente exigindo trabalho, aprendizado, realizações, apenas para o seu engrandecimento, sem a menor consideração para com os filhos. Esses pais internos devem ser aplacados, e são sentidos como verdadeiros monstros na sua insaciabilidade ilimitada”.

Concomitantemente a esses processos intrínsecos da atividade psíquica ocorre um maior desenvolvimento das capacidades físicas e mentais. O ego, estando fortalecido, permite ao menino e à menina maior independência do ambiente e melhor desempenho das funções psíquicas reguladoras. É um período de maior estabilidade emocional.

No final do período de latência, manifestações psíquicas da puberdade muitas vezes já podem ser percebidas em nível pré-consciente e inconsciente, por meio de projeções observáveis nos desenhos, nas dramatizações, ou por meio de *acting outs* precedendo as transformações somáticas. Por exemplo, meninas de 9-10 anos que ainda não apresentam em nível clínico-orgânico nenhum sinal da puberdade e que em seus desenhos expressam ansiedades relacionadas à menstruação (sangramentos, ferimentos) permitem supor que há um conhecimento inconsciente ou pré-consciente de que a menarca está prestes a acontecer. Outras vezes dá-se o contrário: o desenvolvimento egóico é mais lento em relação ao súbito e intenso desenvolvimento corporal pândero-

estatural e ao desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários.

O desenvolvimento egóico pode se caracterizar por um incremento das defesas obsessivas e do recalçamento como uma tentativa inconsciente de prolongar a permanência no período de latência. O ego também pode sofrer uma regressão defensiva ante as angústias emergentes dessas transformações abruptas e incontroláveis, decorrentes das pressões instintuais agressivas, destrutivas e sexuais.

Nesse período são freqüentes jogos de natureza homossexual, ocorrendo uma separação espontânea nas atividades entre meninos e meninas, organizando os populares clubes “do bolinha e da luluzinha”. Há nas atividades um sentido masturbatório e exibicionista, refletindo o início da aprendizagem de sua identidade genital.

Lebovici e Soulé (1972) afirmam que no período pré-adolescente os sonhos diurnos são freqüentes, têm caráter masturbatório e se organizam em níveis pré-conscientes. A força da repressão, não do recalçamento, os impede de sua expressão mais direta. Tais sonhos diurnos caracterizam-se por serem muito elaborados e distantes da relação das pulsões que os organizam. Possuem um forte conteúdo sadomasoquista. São reveladores de um estado de interpenetração das pulsões agressivas, destrutivas e libidinais, à semelhança do que ocorre com as pulsões indiferenciadas do bebê.

Na puberdade as pulsões emergem, invadem o ego, que é insuficiente para administrá-las, causando um transbordamento de afetos e atitudes comportamentais que serão mais ou menos controladas pela ação superegóica. O superego, por sua vez, ainda não introjetou novos modelos identificatórios, adultos, capazes de possibilitar um equilíbrio egóico satisfatório. O jovem quer ser adulto, mas ainda não sabe como sê-lo.

Durante o período de latência, “o ego e o superego estão perseguindo um fim comum: lograr uma adaptação ao ambiente, adotando ideais do ego pertencentes a esse ambiente”. (Klein, 1969)

Na puberdade, essa harmonia entre ideais do ego e o ambiente é rompida. Surge um caráter de urgência instintual, que por um lado determina o fim do período de latência e, por outro, graças ao incremento das tensões pulsionais e em conseqüência às perturbações nas relações entre o ego e o superego, faz com que haja o ressurgimento de aspectos da pré-genitalidade. A busca de uma identidade adulta — sexual, cognitiva e social — desorganiza o equilíbrio

dessa relação entre o ego e o superego, criando extensa área de conflitos.

No início da adolescência, qualquer estímulo pode se transformar em sexual, no sentido de aumento da excitabilidade, sem que o estímulo esteja obrigatoriamente vinculado a uma erotização. Situações geradoras de ansiedade, expectativa, medo ou valentia podem elevar o nível de tensão e conduzir à ereção ou poluição diurna, que se tornam meios de descarga de catexias. Nesse período há uma fase de afastamento dos objetos amorosos da infância, até o surgimento de uma nova fase, na qual emerge a erotização. Há então o início de um período de fantasias masturbatórias e a busca de novos objetos de investimento amoroso e sexual.

Os primeiros novos objetos de investimento amoroso e sexual são geralmente os amigos do mesmo sexo. São os fiéis companheiros, com os quais mantém as mais íntimas confidências e relações. Tais companheiros(as) representam algo narcísico, mais próximo de um objeto idealizado de si mesmo e projetado no(a) companheiro(a). Não há nesse momento uma nítida definição da identidade sexual, como um sentimento de definição de gênero, isto é, de masculino ou de feminino, ainda que conscientemente não existam dúvidas quanto ao sexo anatômico.

É muito comum, ao redor dos 13-14 anos, o jovem temer ser considerado “bicha”, homossexual, pelos seus companheiros, devido a uma ligação mais intensa com algum amigo do mesmo sexo. Teme deixar transparecer algum aspecto feminino de sua personalidade, como sua sensibilidade artística ou estética. As contra-reações machistas são habituais como mecanismos defensivos ante a escolha narcísica do objeto de investimento amoroso e sexual. Nessa fase, a fixação poderá levar a atitudes latentes ou manifestas da homossexualidade. Processos semelhantes também podem ser observados entre as garotas.

As garotas também elegeem narcisicamente seu objeto de investimento amoroso em alguma companheira, concomitantemente ao surgimento de momentos agressivos, dando um colorido fálico a essas manifestações. Gostam de longas conversas entre si e desfrutam de imenso prazer em descobrir sua sensualidade e incrementar sua vaidade.

Seguindo o processo evolutivo, mobilizado pela “organização hierárquica dos impulsos e de seu caráter definitivo e irreversível” (Blos, 1962), vencidas as fantasias de castração e os temores ante o desco-

nhecido que representa o sexo oposto, e ante as próprias manifestações genitais, inicia-se a busca do objeto heterossexual.

A maturação biológica, decorrente das transformações hormonais, significa um êxito biológico e possibilita novas metas em relação aos caminhos a serem percorridos pelas pulsões, no encontro de objetos que venham a gratificar os desejos agressivos e libidinais.

Esse movimento pulsional culminará com o desenvolvimento de uma identidade sexual adulta, por meio de uma relação egossintônica. Até que alcance tal nível de desenvolvimento, o jovem atravessa um conturbado processo de reestruturação egóica.

Nesse processo de reestruturação egóica entram em jogo a biografia do indivíduo, as características qualitativas e quantitativas dos primeiros vínculos afetivos e a organização estrutural, dinâmica e econômica do aparelho mental.

Ao atingir a etapa da adolescência propriamente dita, as fantasias tornam-se nitidamente masturbatórias e são pouco elaboradas ao nível de sua expressão egóica. Um estado de maior discriminação ocorre com a evolução do processo de identificação.

CORRELAÇÃO TEÓRICO-CLÍNICA

Por meio da história clínica de Cláudia pode-se correlacionar a clínica com a teoria, ou melhor, uma teoria extraída da clínica, a partir de certos conceitos psicanalíticos de um modelo de funcionamento mental.

Cláudia, durante a latência, foi uma garota estável, obediente, comportada, razoavelmente organizada em relação aos seus afazeres, cheia de amigas. Boa esportista, cordata no convívio com os pais, passando por momentos de eventuais conflitos com eles e com seus irmãos.

Agora, vive um período contrastante. Seu rápido desenvolvimento físico dá a ela um sentimento de estranheza, relacionado à nova conformação de seu corpo. Acha-se gorda. Os seios representam motivo de orgulho e altivez, mas provocam vergonha e uma sensação de volume, como se não fizessem parte de seu corpo, mas necessita incorporá-los em seu novo esquema corporal. Gosta de se olhar no espelho e parece nunca ficar satisfeita com o que vê. Pela sua estatura, muitos a tratam como adulta, e às vezes ela reivindica esse tratamento.

Em contraste, manifesta reações impulsivas, irracionais, de birra, de onipotência, de desorganização, de negação perante situações as quais foi capaz de tolerar. Não sabe por que agride seus pais e irmãos, por motivos bobos, às vezes, ou mesmo sem causa aparente.

Nessa mesma linha de sentimentos, Cláudia não se compreende e pouco se controla diante do desejo de irritar seus pais, mesmo sabendo que depois poderá sofrer. Não quer pensar nisso; se está com vontade de fazer, faz e pronto. Não está preocupada com as consequências de seus atos, e sim com a mudança de conduta em relação ao que era.

Nos momentos de maior ansiedade, deseja livrar-se da situação, reproduzindo mais o funcionamento psíquico do bebê de descarregar um estado de tensão (prevalência do processo primário) ao em vez de transformá-lo num outro estado de mente, pela elaboração do pensamento (processo secundário).

Entretanto, ao perceber essas características, está pondo em prática sua capacidade de transformação mental, caracterizando a coexistência contrastante dos processos mais primitivos e atuais de funcionamento do aparelho psíquico.

Cláudia vive intensamente a dinâmica oscilante da passagem da posição esquizoparanóide para a depressiva, com predomínio da primeira nas situações de maior ansiedade, refletindo a grande vulnerabilidade egóica, própria desse movimento psíquico reestruturante.

Os estados reivindicatório e conflitivo são evidentes na relação com os pais. Tanto o que relata dessa relação quanto o que revive na relação transferencial, durante sua análise comigo, está carregado de ambigüidades e contradições. Num nível mais primitivo, o amar e o odiar estão fusionados, mal diferenciados. Noutros níveis, pode senti-los mais diferenciados.

Afetos antagonicos ante objetos de amor e de ódio são vividos de forma cindida e ansiógena. A situação ou pessoa é sentida como plenamente boa ou má, predominando uma relação de objeto parcial. Isto é, ora os pais são vividos dentro de um estado de confusão, como verdadeiros inimigos, fonte do maior desprezo, ora como mercedores de profundo amor. Qualquer frustração é suficiente para transformá-los em inteiramente maus.

Num outro momento, Cláudia é capaz de entrar em um estado de depressão reparadora. Nesse estado, identifica seus aspectos destrutivos e amorosos e reincorpora seus pais internos num nível de

relação mais amadurecido. Diante dessas oscilações bruscas, Cláudia procura uma condição de continência afetiva. Às vezes sai de casa, e por longo tempo fica sentada sozinha na escada do prédio. Outras vezes tranca-se em seu quarto, em busca de um conforto regressivo, para reorganizar sua auto-estima e reintegrar seu self. Há nesses momentos profundo sentimento de solidão e desamparo.

Esses mecanismos defensivos visam manter o equilíbrio egóico. Os pais já não representam o apoio ou continente para suas ansiedades, e a libido ainda não encontrou seu novo objeto de investimento.

Nessas circunstâncias, surgem os mecanismos defensivos, tais como isolamento, depressão e regressão. Cláudia queria simplesmente se afastar das tensões ao ingerir bebida alcoólica e tranqüilizantes. O mesmo pode-se dizer quando se isola nas escadas do prédio. Essas atuações (*acting out*) são freqüentes, e podem adquirir um colorido delinqüente.

Um outro jovem, também de 13 anos, quando se sentia carente, frustrado, realizava-se praticando atos de vandalismo: subia pelos telhados das casas, praticava pequenos furtos e hostilizava qualquer autoridade. Parecia ser esse o modo que encontrava para fazer despertar cuidados sobre si.

Levantei a hipótese de que a instância reguladora e mantenedora da auto-estima (o superego) estava com sua capacidade diminuída pelo desinvestimento das figuras primárias (primeiros modelos identificatórios). As funções defensivas do ego encontravam-se debilitadas em conseqüência das pressões instintuais, gerando comportamentos cuja função era criar a oportunidade para estabelecer uma relação sádica de continência.

Esse movimento regressivo tinha também uma função econômica e temporal de dar ao ego condições para enfrentar as novas configurações internas e externas, intra e interpessoais, que se criam devido à evolução dos conflitos. Era um tempo necessário para a elaboração, em conseqüência de um sentimento de desestruturação do ego e do self. A hipótese que se aventou foi de que esses sentimentos eram decorrentes da intensidade das manifestações pulsionais, dos mecanismos de ruptura em relação aos objetos primários de amor (pais da infância) e do desinvestimento dos pais atuais e os valores sublimados conseqüentes dessas relações.

Nessas circunstâncias de descargas e de instabilidade, predominam intensos mecanismos de identificação projetiva e outros, que ante-

cedem essa fase do desenvolvimento mental, e que muitos autores contemporâneos englobam dentro dos “estados primitivos da mente”, expressão utilizada pelos autores neokleinianos, como Meltzer (1973).

Múltiplos aspectos contraditórios da personalidade do adolescente emergem, tais como querer crescer e permanecer criança, ou então partes do self que são cindidas e projetadas fora dele. Ao mesmo tempo, observa-se a existência de ataques aos pais internos (pais da infância) e aos pais reais. Estes são tanto representantes dos pais da infância, aconchegantes, protetores e guias, como também se constituem nos mais terríveis dos inimigos a serem destruídos. Há momentos em que o real e o imaginário se confundem, podendo criar quadros de difícil distinção entre os limites do normal e do patológico.

Tais configurações psíquicas vão depender da estruturação das bases da personalidade primitiva, da sua biografia e do modo como a família e o ambiente lidam na atualidade com esse processo global de transformações.

Quadros clínicos de natureza neurótica, deficitária, psicótica, *borderline*, psicopáticos ou “estados confusionais” podem ser identificados, sendo necessário um tempo prolongado de observação (diagnóstico longitudinal) para que se possa avaliar a organização e a rigidez dessas estruturas, se transitórias ou estáveis na configuração da personalidade, com dificuldades evidentes da capacidade discriminatória.

Por exemplo, no caso de Cláudia, ela se refere ao fato de não saber se gosta do namorado da amiga pelas características dele ou se gosta dele por gostar da amiga, como se ele fosse uma espécie de prolongamento de sua amiga.

Há nessa situação uma certa confusão em relação à discriminação do objeto de afeto e também de sua identidade de gênero. Isto é, sente-se embaraçada ante um sentimento ambíguo relacionado à bissexualidade, pela natureza dos amores homo e heterossexual e a possibilidade de integração desses aspectos à sua personalidade. Sente-se atraída sexual e afetivamente por ambos, sem que possa fazer nítida discriminação em relação à natureza sexual e sublimada dos afetos.

Existiria também uma questão relacionada a inveja e admiração. Sua amiga possui algo que ela não tem. Pelo lado da inveja, não ter um namorado é frustrante (desejo de roubar o namorado da outra); por outro, é uma possibilidade de identificar-se com ela para ter o que ela tem (arranjar seu próprio namorado).

Um outro aspecto que Cláudia expressa com nitidez está relacionado às alterações na relação espaço — tempo. Ela se refere ao desejo de fazer coisas erradas como voltar tarde, deixar suas coisas espalhadas pela casa, contrariar os pais, cabular aula, bebericar às escondidas.

Há nesses fatos uma questão nítida de confronto com a autoridade constituída ante o desejo de instituir sua própria autoridade. Para isso, realiza a subversão dos desejos e da autoridade, em busca de sua emancipação. Ao contrariar o sistema de valores instituídos, inicialmente no ambiente familiar, está criando novos espaços para suas experiências emocionais.

Denomino a essa busca de novos espaços “mudanças da geografia psíquica”, à medida que busca reestruturar, definindo novas configurações, a distribuição de seus afetos na relação de objeto e do self. É interessante observar que, com frequência, deixa rastros de suas atitudes subversivas, numa atitude um tanto pueril e exibicionista, mas simbolizando a quebra do monopólio parental na redefinição dos espaços privado e comunitário, tanto no seu mundo interno como no mundo real.

Seu ego, em nível corporal e mental, está buscando definir novos contornos, em uma nova relação tempo-espacial, impostos pelas transformações biológicas, psicológicas e sociais, com suas novas atribuições: sexualidade genital, capacidade reprodutora e aumento das potencialidades nos planos intelectual, social e afetivo.

Em sua rivalidade com os pais, predominantemente com a mãe, põe em evidência conflitos pré-edipianos e edipianos. Ao mesmo tempo em que se identifica com a mãe-mulher, disputando o uso do guarda-roupa materno, precisa desprezá-la como figura rival e ameaçadora.

Em sua análise, na relação transferencial/contratransferencial, vive-se um misto de sensualidade, ingenuidade, pureza, malícia e sedução perversa. Deseja e repele. Quer sentir-se mulher e ser criança.

Os diálogos que mantém são entremeados por momentos de contrariedade e explosões, reveladores de sua impulsividade e de um ego ainda pouco dialético, observado por meio da organização do seu pensamento e das características de sua comunicação verbal.

Comunica-se muito mais pelo seu corpo, por meio do não-verbal, do clima, do intuitivo da relação, da mímica, da conduta, da dramatização, do que propriamente pelas palavras. Estas, por sua vez, como veremos no capítulo “O Processo Psicanalítico”, são empregadas de forma pouco específica e com amplo significado, expressando ele-

vado grau de condensação e de deslocamento: “tá legal”, “fiquei”, “numa boa”, “transa”, expressões comuns do vocabulário cotidiano do adolescente na atualidade.

ADOLESCÊNCIA PROPRIAMENTE DITA

Essas manifestações da adolescência podem adquirir um caráter tão intenso e desagregador do ego que levam autores como Aberastury e Knobel (1971) a considerarem as características desse período como uma “síndrome normal da adolescência”.

Para esses autores, a síndrome normal da adolescência caracteriza-se por: 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) desorientação temporal quando o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai desde o auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória, com tendências anti ou associas de diversas intensidades; 8) contradições excessivas em todas as manifestações da conduta, dominadas pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica desse período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

Com certa frequência, o jovem pode apresentar alterações da conduta de tal magnitude que fica difícil discriminar o ponto de ruptura entre as variações da normalidade e o que se poderia considerar como uma organização psicopatológica.

Trata-se, na maioria das vezes, de uma questão funcional durante o processo de reestruturação da personalidade, e que poderá ou não deixar seqüelas estruturais. O prognóstico estará na dependência de como ocorre, em cada caso, o desenrolar e a resolução do processo intrínseco de identificação, e sua interação com o meio ambiente. Dependerá também da flexibilidade dos mecanismos defensivos, do grau de fixação e regressão e da possibilidade de redistribuição das catexias.

A emergência de processos psíquicos primitivos, como cisão, negação da realidade, onipotência, identificação projetiva e adesiva,

estados autísticos, momentos de indiscriminação entre realidades interna e externa, ataque às identificações primitivas, dificuldades na dissimbiotização em relação ao objeto primitivo, favorece a emergência de quadros clínicos. A psicopatologia desses quadros clínicos é equivalente aos transtornos psicóticos e caracteriais, porém de caráter transitório, como abordaremos no capítulo relativo à discussão diagnóstica.

Vale lembrar ser este um período de extrema vulnerabilidade e propício para o desencadeamento de quadros clínicos que podem se tornar rigidamente estruturados.

Considerando-se que na adolescência há a emergência de processos psíquicos primitivos, não podemos deixar de salientar os recentes estudos sobre o psiquismo fetal e sobre os primeiros momentos da vida perinatal e suas possíveis repercussões sobre a adolescência. Saliento os trabalhos de Rascovsky (1960), Bick (1964), Verny (1981), Stern (1992) e, em nosso meio, os trabalhos de Wilhelm (1988, 1992) relacionados ao psiquismo fetal, e os de Mélega, por meio das publicações realizadas pelo Centro de Estudos das Relações Mãe — bebê — família, entre outros autores.

Esses trabalhos têm contribuído sobremaneira para uma melhor compreensão de muitas das manifestações dos adolescentes, abrindo novos campos de investigação.

Nessa linha de pensamento, também devem ser lembrados os trabalhos de Bowlby (1969) sobre o desenvolvimento dos primeiros vínculos que se estabelecem na relação mãe — bebê.

Os conceitos desenvolvidos por Winnicott (1971) referentes às condições de *holding*, de continente, de objeto e espaço transicionais, de “preocupação materna primária” e de “mãe suficientemente boa” possibilitam a compreensão da formação e organização do espaço mental destinado ao lúdico, à experiência por meio do imaginário, espaço este no qual se desenvolve a cultura. Esclarecem também as noções de falso e verdadeiro self, tão importantes na formação da personalidade, principalmente no que tange ao adolescente na busca de aspectos autênticos do seu eu.

Os estudos sobre a formação e integração do self permitem identificar a formação de personalidades “como se”. Elas organizam-se na dependência de corresponderem às expectativas que fazem dela e em desarmonia com um sentimento de serem aquilo que realmente são, ou estabelecem relação com uma imagem idealizada de si, desconectada de suas reais possibilidades.

Bion (1962b, 1963, 1965, 1967, 1970) trouxe profícua contribuição à psicanálise. Possibilitou melhor compreensão entre as formas normais e patológicas da identificação projetiva e suas relações com as partes psicóticas e não-psicóticas da personalidade. Descreveu várias das características do aparelho psíquico quanto à capacidade de continência da vida pulsional, características do pensamento e suas relações com a vida afetiva, bem como as relações entre a experiência emocional e o conhecimento.

O conceito de “pele psíquica” desenvolvido por Bick (1968) refere-se a uma fase inicial do desenvolvimento psíquico, que antecede a noção de formação de espaços mentais internos e externos, prévia às condições descritas por Klein em relação à idealização do self e do objeto. Sobre estes vão incidir mecanismos de *splitting*, com consequente cisão do objeto (ou do self) em totalmente bom ou mau, característicos da posição esquizoparanóide.

O conceito de “pele psíquica” refere-se, sucintamente, à importância da qualidade do contato de pele existente entre a mãe e o bebê como fator preponderante para a organização do ego primitivo. A existência de um sincronismo nesse encontro epidérmico entre a mãe e o bebê, durante os diferentes momentos da relação entre ambos, dá ao bebê a possibilidade de vivenciar a existência de uma coerência entre suas diferentes partes e afetos.

Quando esse contato ocorre fora dessa condição de suficiente sincronismo, do aconchego desejável, da frustração suportável para o psiquismo do bebê, a manifestação da experiência emocional desagradável, desprazerosa, pode ser de tal monta que o bebê parece que vai se esparramar, se desconjuntar, perder seu eixo psíquico de sustentação, ou ser aniquilado.

Portanto, a função materna seria a de dar as condições necessárias para que o ego rudimentar ou os fragmentos *self*-objetos pudessem se integrar a partir de um contorno desenhado psicicamente, a partir da experiência emocional introjetada, fruto da experiência vivida na relação com a mãe. Quer dizer, as forças de integração entre as diferentes partes do bebê são estimuladas a partir de algo que vem de fora. A pele funcionando como uma barreira que protege, contém e filtra os estímulos, compondo um modelo a ser introjetado pelo aparelho psíquico em formação, “a pele psíquica”.

Novamente enfatizo a importância desses aspectos primitivos durante o processo de identificação do adolescente. Muitos, dentre eles,

apresentam problemas na resolução de questões relativas à dependência e separação, por dificuldades ocorridas durante essas primeiras fases do desenvolvimento humano, e que se manifestam na relação transferencial, durante o processo psicanalítico.

Os estudos sobre os objetos e fenômenos autísticos descritos por Tustin (1981), característicos do autismo infantil precoce, podem ser encontrados como elementos primitivos residuais e defensivos em adolescentes que estão vivendo intenso estado regressivo, durante seu processo de separação — individualização.

Pinol-Douriez (1984) relata uma série de pesquisas neuropsicológicas, e conseqüentes teorias demonstrando as variações somatopsíquicas da relação mãe — bebê na presença ou ausência de maior ou menor sincronismo entre as diferentes freqüências existentes na relação entre ambos.

São reações indicadoras de prazer ou de desprazer, protótipos de reações afetivas mais complexas e elaboradas, representando os primórdios das reações egóicas e base de futuras representações mentais. A freqüência dos batimentos cardíacos, da respiração, das mamas, o ritmo e o estado de tensão no qual elas ocorrem reproduzem esses estados mentais primitivos.

Teorias como a do *imprinting* e os estudos etológicos integrados à Psicanálise (Nathan, 1983) têm contribuído também para a compreensão dos primórdios da vida mental, ainda que em caráter especulativo. Estudos comparativos entre o comportamento de certas espécies de insetos e algumas características do comportamento humano, como aproximação e afastamento, ataque e defesa, levam a supor que na relação analítica existam movimentos que podem ter por base padrões geneticamente definidos.

O conhecimento e a capacidade de apreensão desses estados primitivos da mente são fundamentais para a realização do trabalho psicanalítico com adolescentes, tanto em nível diagnóstico quanto terapêutico. Muito da comunicação que se estabelece entre o jovem e seu analista é feito por meio de um tipo de comunicação pré-verbal, inconsciente, por meio de mecanismos de identificação projetiva e contra-identificação projetiva, manifestados na relação transferencial/contratransferencial.

Costuma-se dizer que o “adolescer” equipara-se a um segundo nascimento, visto que as ansiedades e muitos dos movimentos psíqui-

cos são inerentes ao início da vida psíquica e reeditados com grande intensidade durante a adolescência.

Na verdade, esses mecanismos primitivos da mente nunca deixaram ou deixarão totalmente de existir e de se expressar na conduta humana. Permanecem recalçados e submissos às forças de expressão dos mecanismos psíquicos mais atualizados. Os processos dinâmicos em relação à evolução da libido, ao desenvolvimento e à organização egóica sofrem movimentos de fixação e de regressão dentro de princípios da economia psíquica, segundo a metapsicologia freudiana.

O processo de identificação do adolescente implica, portanto, busca de uma identidade adulta que se caracteriza pelo desejo de conquistar a sua emancipação em diferentes níveis: sexual, psicológico e social. Emancipar vem do latim *emancipare*, que significa: eximir, livrar-se do pátrio poder ou da tutela, libertar-se (dicionário Aurélio).

O estudo desse processo de identificação, que envolve emancipação e autonomia, pode ser observado sob diversos prismas interdependentes.

No capítulo anterior pudemos ver alguns aspectos da interação existente entre as forças internas e externas que participam na edificação da identidade. Neste capítulo será dada ênfase à estruturação e dinâmica internas desse processo. Essa separação tem apenas finalidade didática, visto que o processo é complexo, simultâneo, sem que na realidade exista a separação aqui efetuada.

Feitas essas considerações, pode-se estudar o processo de identificação por meio de diferentes vértices: 1) a evolução da sexualidade na busca de novos objetos; 2) o processo de perdas (lutos); 3) narcisismo e organização egóica; 4) ruptura entre as partes não-discriminada e discriminada; 5) o falso e o verdadeiro self; 6) transformações cognitivas e o aprender com a experiência.

A EVOLUÇÃO DA SEXUALIDADE

A pressão instintual impele o adolescente a buscar novos objetos gratificantes, tanto na realidade externa como no mundo interno. Essa busca em direção ao encontro do objeto heterossexual faz com que a expressão da sexualidade sofra transformações, interferindo na redefinição de sua identidade sexual.

Vimos que no início da adolescência havia um direcionamento da libido de natureza narcísica, isto é, voltado para o próprio indivíduo. Mesmo quando o adolescente se relaciona com o outro, nesse período, o outro representa uma projeção de aspectos de si mesmo. O outro é vivido de forma idealizada e ocupa o papel de depositário dessas idealizações. O objeto que ocupa esse papel visa reproduzir o próprio sujeito. Alguém que seja seu semelhante, geralmente do mesmo sexo, reproduzindo aspectos de sua própria pessoa. Com o decorrer do processo evolutivo, essa relação deixa de ser gratificante graças às pressões instintuais na busca do objeto heterossexual.

Esse novo objeto de investimento libidinal é inicialmente um objeto ambíguo (que possui mais de um sentido ou é incerto), mal discriminado, passando por um estado de ambivalência (impulsos e sentimentos contraditórios e opostos), até alcançar maior definição na escolha desse objeto, quando já existe maior grau de discriminação.

Essa ambigüidade é observada pela má discriminação entre desejos e temores despertados por uma excitação que não sabe bem o que é, do que se trata e o que fazer. Nessas circunstâncias, muitos adolescentes podem se defender do próprio crescimento por meio de regressões e fixações — por exemplo, por meio da persistência na fase narcísica, ou dando vazão a esta excitabilidade por meio da voracidade oral.

A ambigüidade também é observada em relação a outros fatores da personalidade, como aspectos do self primitivo, ainda mal integrados e definidos da relação self/objeto e que se conflitam com outros aspectos organizados e integrados de uma parte mais desenvolvida do ego.

Meltzer (1973) assinala que o principal transtorno da adolescência “é uma identidade confusa relacionada com o surgimento do severo *splitting* do self característico dos períodos pré-edípicos e pré-genitais da infância e da infância precoce. O *splitting* existente na puberdade seria uma forma de enfrentar melhor a onda de desejos genitais em todas as formas infantis, polimorfos e perversas, ainda pouco modificadas pelo self adulto e pela identificação introjetiva”.

Haverá portanto uma cisão, cuja resultante será: parte da excitabilidade sexual estará dirigida para a heterossexualidade, e parte para os objetos idealizados representados pelos pais da infância. Esses objetos idealizados podem ser deslocados para o(a) companheiro(a) sem que o(a) jovem se dê conta de que o(a) parceiro(a) não corresponde ao que nele(a) está sendo projetado. Isto é, as percepções que podem ter

do(a) companheiro(a) sofrem influências de recalcamientos, projeções, distorções e identificações primitivas, frutos das interferências narcísicas na relação com o objeto interno.

Num primeiro momento, essas relações ocorrem com frequência como fantasias, por meio de sonhos diurnos. Os sonhos diurnos não se limitam apenas à aproximação subjetiva do objeto sexual. Eles têm também a função de possibilitar novos investimentos afetivos e de se aproximar da realidade. Nos sonhos propriamente ditos, são evocadas situações atuais que se mesclam a outras de natureza edípiana. Reproduzem, ou com a “musa inspiradora” ou com o “príncipe galante”, situações eróticas da organização genital e pré-genital. Período em que a poluição noturna é freqüente, deixando os rapazes bastante assustados com a ocorrência de um fenômeno em seu corpo, que torna público algo de sua intimidade sobre o qual não têm nenhum controle.

Tenho observado nas análises de adolescentes que aspectos da relação edípiana são bastante persistentes (tanto no sentido kleiniano do Édipo precoce como o caracterizado por Freud durante a segunda infância), mesmo quando já há uma definição maior na escolha do objeto heterossexual. Essas características só virão a desaparecer após um longo processo de maturação dessa nova capacidade de escolha objetal. As qualidades daquelas relações iniciais e conseqüentes introjeções, no que se refere ao processo de identificação e à identidade, servem de protótipo das relações posteriores e se transformam, sem deixar de se repetirem nessa nova relação.

Cito o exemplo de um rapaz que mantinha uma relação de submissão à figura materna, e que estabelecia com sua parceira, inconscientemente, uma relação semelhante à que mantinha com a mãe. Às vezes é exatamente o contrário: o jovem busca alguém a quem possa subjugar, até mesmo com características de vingança de um passado mal elaborado. Noutras situações, o que se observa é a busca interminável dos pais idealizados, frutos também de projeções narcísicas.

À medida que o processo evolutivo prossegue, tanto o rapaz quanto a moça saem do campo do imaginário, do fantasioso, pressionados pelas forças do crescimento, pelos desejos de novas experiências, e realizam as primeiras aproximações com o objeto heterossexual. Inicialmente, as fantasias masturbatórias amenizam os temores à castração e revelam uma organização psíquica cujas pulsões ainda são pouco elaboradas no âmbito do ego e portadoras de elementos perversos. Ouvem-se histórias de

grandes conquistas, recheadas de conteúdos sadomasoquistas, de posse e domínio total do objeto de prazer, que estimulam a atividade auto-erótica, e que são carregadas de prazer e culpa.

Lebovici (1972) salienta que os jovens tendem a sexualizar suas lembranças e a relacionar atividades banais às suas fantasias sexuais. Com o tempo, essas fantasias tornam-se insuficientes e frustrantes, pressionando-os à experiência real. São as “cantadas e paqueras”, que variam de acordo com a época e a cultura, até a consumação da primeira experiência sexual plena. Experiência esta que nem sempre se realiza acompanhada de um sentimento de plenitude.

Com frequência, as experiências erótica, sensorial e afetiva não caminham juntas, e aquilo que pode ser prazeroso para um dos sistemas pode ser angustiante e culposos para o outro.

Somente com o tempo, e com o evoluir das experiências concretas, haverá a integração dessas diferentes partes no ego mais estruturado e capaz de conter tanto suas contradições como integrar afetos, até então mantidos cindidos e sentidos como ameaçadores. Tais sentimentos de ameaça e culpa resultam da fragilidade do ego e de sua dependência aos modelos identificatórios infantis.

Nessa trajetória, a identidade sexual vai se definindo com a escolha do objeto heterossexual, o qual, paulatinamente, se organiza no mundo interno, por caminhos diferentes no rapaz e na moça.

Na jovem haveria uma orientação franca e decisiva em direção à heterossexualidade. A moça busca seu par heterossexual, sem perder as gratificações da relação com a mãe, identificando-se com ela como mulher e rival. Segundo Chodorow (1978), “seu apego ao pai é mais idealizado e menos intenso do que o do rapaz à sua mãe”. Entretanto, ela precisa encontrar seu próprio modelo, desvincilhando-se daquele estabelecido nas primeiras relações com a mãe, acrescido de suas experiências pessoais como mulher (descoberta de sua genitalidade e o sentido da menstruação) e como futura mãe. Ela precisa sublimar sua agressividade fálica para poder se sentir complementada por seu companheiro.

No rapaz, por sua vez, há a necessidade de enfrentar as ansiedades de castração, tendo de perder as gratificações oriundas das relações primitivas com a mãe, e encontrar seu novo objeto de amor. Ele mantém desde bebê um modelo heterossexual. Busca na companhia uma reprodução dos aspectos valorizados ou idealizados da relação com a mãe, associada às experiências que adquire em suas novas conquistas no campo amoroso.

Penso, entretanto, que o processo é muito complexo para ambos, visto que interferem nesse processo as fantasias inconscientes do passado e do presente, tanto na mente dos pais como na dos jovens. Dependência primordialmente dos adolescentes a responsabilidade de romper essas dependências infantis, desinvestindo o primeiro objeto de amor, desfazendo a simbiose primária, no encontro de novos caminhos e de soluções a serem dadas à sua sexualidade e identidade sexual atuais.

Poderão surgir temores de retaliação e abandono, ou identificações defensivas de caráter homossexual na dependência de como rapazes e moças elaboram suas fantasias incestuosas e sublimam suas relações com os pais do mesmo sexo e do sexo oposto.

As moças parecem temer menos a retaliação materna do que o rapaz a retaliação paterna. Entretanto, é difícil generalizar essa proposição, visto que a configuração da identidade sexual é complexa e dependente de inúmeros fatores, inclusive daqueles relacionados à organização do self, além de aspectos da cultura dominante num determinado local e época.

Muitos jovens acreditam que a prática heterossexual precoce é uma demonstração de maturidade. O tipo “conquistador ou garota fácil” pode estar a serviço de um reassesuramento narcísico ante o esvaziamento e ameaça de fragmentação do self, como forma de elevarem sua auto-estima.

Por outro lado, o trabalho será facilitado se os jovens encontrarem, no seio de suas famílias, pais que tenham resolvido de maneira satisfatória seus próprios conflitos edipianos e compreendam os conflitos da juventude, facilitando essa tarefa para seus filhos, sem, por outro lado, caírem na indiferença ou omissão.

Entretanto, ambos, rapazes e moças, necessitam renunciar de forma irreversível aos objetos incestuosos, objetos primários de amor, transformando-os, por meio da sublimação e reelaboração, em aspectos de sua identidade adulta. A evolução dessa busca de um objeto heterossexual, erótico e de amor, caminha em direção ao desejo de amar e de ser amado. E algo de narcísico sempre permanecerá presente na personalidade, tendo a função de manter a integridade do self e as bases do sentimento de auto-estima.

Na linguagem atual de nossos jovens, pelo menos em São Paulo, as experiências concretas iniciam-se pelo “ficar”. São as carícias e alguns contatos mais íntimos reveladores das primeiras sensações, emo-

ções e sentimentos que deverão ser elaborados e incorporados à personalidade em desenvolvimento.

Nesse período surgem muitas ansiedades em relação à identidade sexual, decorrentes de restos da bissexualidade ainda presentes, levando rapazes e moças a um certo exibicionismo de seus predicados masculinos (o machão, o intelectual) e femininos (a gatinha, a professora) como formas de auto-afirmação, de reassuramento de suas identidades.

Por meio de experiências emocionais reais, de caráter heterossexual, o adolescente vai elaborando suas ansiedades referentes às identidades anatômica e de gênero, em seus aspectos feminino e masculino, ativo e passivo da personalidade. Concomitantemente, um conjunto de descobertas está se realizando, evidenciando as potencialidades do seu ego: capacidade intelectual, interesses culturais, ansiedades existenciais envolvendo questionamentos sociais, políticos, estéticos, entre outros.

Inicialmente, os vínculos heterossexuais tendem a ser instáveis. Podem ocorrer situações de verdadeira adesão um ao outro fazendo mais lembrar uma relação primitiva na qual sujeito e objeto não se diferenciam. Deixam de ter vida própria, não saem do telefone. Cada um é capaz de viver o outro não como complemento de si, mas como prolongamento de sua própria pessoa, como projeção de suas partes idealizadas no outro.

Muitos jovens vivem essa situação como aprisionamento e não se dão conta de que estão aprisionados a si mesmos, identificados que estão às figuras parentais primitivas. Tais aprisionamentos têm como motivação inconsciente uma repetição de modelos primitivos estabelecidos nas relações parentais, dos quais ainda não conseguiram internamente se emancipar.

Esse é um período de muitas projeções, no qual podem atribuir aos que lhes são mais próximos afetivamente os aspectos indesejáveis ou perturbadores de sua pessoa. É o outro que invade seu espaço ou que o despreza, sem se dar conta de sua atitude pueril de posse e da necessidade inconsciente de considerar o outro não como um indivíduo, mas como um prolongamento de seu próprio eu. Esses mecanismos de adesão, de controle onipotente, de identificação projetiva são, pelo menos em parte, conseqüentes às inseguranças emergentes no ego, frutos dos processos de perdas (lutos) pelos quais os jovens estão passando.

Esses movimentos com intensas manifestações narcísicas e domínio de mecanismos de defesa do ego, como os descritos acima, associados a sentimentos de perda mais ou menos profundos e consequente depressão, tornam o ego fragilizado e propenso a quadros clínicos que se confundem com situações psicopatológicas.

Manifestações como isolamento, afastamento da realidade, despersonalização, atuações de tipo psicótico ou psicopático podem aparentar um transtorno estrutural, mas não estão rigidamente organizadas. São manifestações transitórias que tendem a se dissipar com o decorrer do processo evolutivo, e na dependência de como o ambiente familiar vive e lida com tais situações.

Atualmente, a juventude usa em sua gíria a expressão “fissurado” para se referir a um estado de mente que significa estar loucamente apaixonado. É não conseguir tirar o outro da cabeça, a ponto de ter comprometida outras áreas de interesse, de investimento libidinal. Grande parte de sua energia de amor está vinculada nessa relação.

Fissurado, segundo o dicionário Aurélio, significa: 1- fendido, rachado; 2- ansioso, sôfrego, ávido. Esta expressão traduz o *splitting*, a cisão que existe nesse estado de mente, no qual estão presentes intenso amor e sofrimento, que fazem estremecer e doer a alma. Estado que os poetas apaixonados ou que os jovens tão bem sabem confidenciar um no ouvido do outro, na intimidade dos seus diários ou na solidão das lágrimas.

A partir do desejo de querer estar ou de se sentir apaixonado, associado às experiências vividas nessa relação prazerosa e frustrante, acrescidas das solicitações da vida cotidiana, esse objeto interno, inicialmente com características de objeto parcial, sofre transformações graças à diminuição dos mecanismos de defesa primitivos, à maior integração do ego e à maior capacidade de elaboração da situação edípica, fruto da posição depressiva de Klein.

A evolução das experiências amorosas leva os jovens a abandonarem a bissexualidade, a ambivalência, a se desvencilharem das imagens parentais e ansiedades primitivas. O fato de terem adquirido a capacidade de procriação, associada à possibilidade de realização dos papéis parentais e a definição de não-consumação do incesto, concretiza a individuação e conduz o adolescente para a definição de uma identidade adulta estável.

As garotas redescobrem a existência de um pênis interno, no sentido de possuírem um poder de penetração na relação com o objeto

amoroso, e desenvolvem sua habilidade em lidar com a vida, enquanto aperfeiçoam a capacidade de continência.

Os rapazes, por sua vez, se reasseguram e aperfeiçoam o sentimento de penetração e redescobrem serem possuidores de um útero mental, que representa sua capacidade feminina de continência e de sensibilidade. É a integração dos opostos e o reencontro das partes perdidas, dentro de si e na complementariedade que o outro representa.

O PROCESSO DE PERDAS (LUTOS)

O adolescente atravessa esse período da vida com muito sofrimento, turbulência e fases de depressão, em consequência das perdas sucessivas e abrangentes que ocorrem em seu corpo infantil, no seu mundo interno e na qualidade de suas relações consigo mesmo, com as pessoas, com o tempo e com o espaço. Até então vivia dentro de um universo que estava relativamente organizado, o qual se transforma de modo irregular, às vezes por surtos, em momentos caóticos.

A força do desenvolvimento faz com que haja uma reorganização, por meio da incorporação de novos objetos de investimento afetivo e da relação com novos aspectos identificatórios que se estabelecem concomitantemente e à medida que os lutos pelos objetos e partes perdidas da infância vão sendo elaborados.

As transformações corporais, a perda da bissexualidade, da identidade infantil e dos pais da infância constituem os elementos que deverão ser trabalhados pelo ego, de um processo longo e instável de elaboração do luto.

Novas relações com o corpo vão se estabelecendo a partir de suas mudanças, impostas pelo início da puberdade e caracterizadas pelo desenvolvimento pândero-estatural e dos elementos sexuais primários e secundários. O surgimento da menarca e da ejaculação, associado às suas novas funções, desejos e temores conscientes e inconscientes, vai sendo trabalhado, tanto no âmbito egóico como superegóico, no sentido de reestruturação do novo esquema e identidade corporais.

As velocidades com que ocorrem as transformações corporais, a elaboração do luto pela perda do corpo infantil e a aquisição das funções adultas são diferentes, criando um estado de desarmonia interna,

um aumento de tensão e o surgimento de forças antagônicas que se refletem na conduta, com atuações à semelhança de manifestações psicopáticas, cuja permanência nesse estado configurará uma condição psicopatológica.

A perda da bissexualidade, como já foi assinalada anteriormente, contribuirá para a resolução do conflito existente ante a possibilidade fantasiosa de se transformar em homem ou mulher. E introduz a busca de definição e integração das identidades de sexo anatômico e de gênero. Tais movimentos psíquicos implicam a sublimação e incorporação dos aspectos oriundos da identificação com o sexo oposto e do próprio, por meio da elaboração dos conflitos edipianos.

Uma jovem em análise contou-me que seu namorado havia rompido o namoro, pois a considerava muito competitiva e invasiva, ameaçando a virilidade dele. Num momento depressivo da análise, essa moça emite o seguinte pensamento: “posso ser boa amiga e companheira, mas sinto que não me permito me sentir mulher”. Havia em sua mente uma questão de rivalidade não resolvida com a figura materna de inveja e ódio ante a capacidade reprodutora da mãe. Ciúme e inveja infantis faziam com que ela atacasse seu corpo feminino e o desejo de vir a ser mãe. Pode-se considerar esse último elemento como fundamental para a resolução da bissexualidade.

Juntamente com as mudanças corporais, surgem mudanças psíquicas, introduzindo-se assim um outro processo de perda em relação a identidade, papel e capacidades psíquicas infantis.

Ao mesmo tempo que surgem novas condições para a organização do pensamento como maior capacidade de abstração, de reversibilidade, de atividade simbólica (cada vez necessita menos do objeto real concreto), há também um incremento da capacidade de racionalização.

O jovem perde pouco a pouco sua condição infantil de relativa dependência e submissão aos desejos parentais. A estabilidade egóica da latência é substituída pela instabilidade, oriunda das próprias transformações emocionais pelas quais está passando. Se até então era visto como criança, agora a expectativa social é de vê-lo(a) adulto(a), assumindo um outro nível de compromissos e responsabilidades. Ao mesmo tempo, esse jovem espera de si um desempenho mais avançado, e depara com pensamentos e ações discrepantes entre o que idealiza de si, por meio de racionalizações, e o resultado final dessas ações.

Lembro-me de Fernando, um rapaz de 15 anos que desejava transferir-se para outra escola. Constantemente sonhava com uma escola livre, que pudesse ouvi-lo e respeitá-lo em sua própria organização e modo de pensar. Durante o processo analítico, dialogamos sobre os prós e contras da situação, os medos em relação aos pais, a si mesmo, bem como sua capacidade para lidar com mudanças internas e externas.

Fernando tinha ampla consciência de seus desejos e possibilidades. Entretanto, não era consciente da necessidade de abandonar sua passividade. Essa era uma condição infantil à qual estava “acostumado”, aderido, mantendo uma relação com um objeto idealizado, seus pais internos. Esperava que providências fossem tomadas para a realização de seus intentos, mas na verdade seus pais reais não haviam sequer sido comunicados de suas pretensões.

Na relação transferencial, sua atitude de espera despertava o sentimento de uma criança pequena, sonhando, impossibilitada de se mover em seu berço, à espera de uma solução mágica trazida por pais messiânicos.

Minha interpretação dessa vivência foi de Fernando estar vivendo um estado de dependência infantil, acrescido de temores devido a rivalidades em relação à figura paterna, idealizada e temida, associada a uma figura materna superprotetora. Na vida real existe um pai afetivo, preocupado com o futuro e bem-estar de seu único filho homem, mas explosivo e repleto de expectativas, as quais contribuíam para que Fernando se mantivesse, inconscientemente, numa atitude passiva.

Passividade é uma questão interligada à temporalidade. É como se houvesse uma falta de relação entre a noção de tempo interno e tempo cronológico, entre o tempo psicológico e a imposição da realidade. É comum o jovem só se dar conta de uma prova escolar no último instante.

Fernando deixou para ligar para a escola que acreditava desejar cursar no último dia destinado a transferências, conhecedor que era dessa condição. Parecia esperar, até o último minuto, pela vinda de uma varinha da boa fada. Em contrapartida, quando precisava aguardar um minuto, podia ser tomado de tal ansiedade e urgência que parecia que o mundo iria acabar caso não fosse atendido no ato. Costumo brincar nessas situações dizendo que: esperar um minuto pode parecer uma eternidade, entretanto a eternidade parece que vai se acabar num minuto.

Essa situação revela a existência de um conflito entre o tempo subjetivo e objetivo, incluindo a limitada capacidade de avaliação da

realidade concreta. As atuações *acting out* estão também relacionadas a essas condições de desorganização temporal, que são reveladoras de momentos de predominância do processo primário.

Durante sua análise, Fernando vem construindo um espaço em sua mente, verdadeiramente livre para sonhar, desejar e pensar diferentemente de seus pais. Essas possibilidades até então eram mantidas profundamente recalçadas e reprimidas em sua consciência. Isto é, estava submetido às suas condições infantis, em dificuldades para realizar o desejo de se libertar dos pais internos, aos quais inconscientemente mantinha-se dependente.

A resultante dessas discrepâncias expressam o imbricamento de múltiplas identidades, inscritas numa personalidade em transição, formando um mosaico conflitante, composto por aspectos de suas identidades infantil e, progressivamente, adulta.

No poema que se segue, pode-se apreciar o pensamento de um adolescente de 16 anos sobre o tempo:

*O velho reflete tudo
tudo reflete vida
vida reflete luz
luz reflete amor
amor reflete prazer
prazer reflete tempo
tempo, tempo não reflete, só interrompe.*

Um outro vértice dentro desse processo de perdas refere-se à perda dos pais da infância, tanto como objeto real quanto como objeto interno. A dualidade entre as forças de crescimento *versus* as de manutenção na infância faz com que o jovem tenha de se desvencilhar de sua dependência em relação aos objetos infantis, fundamentalmente em relação às imagens parentais como primeiros modelos identificatórios.

Esses modelos identificatórios são atacados, mas a meu ver eles não deixam de existir. São transformados, novos modelos são incorporados, mas a matriz inicial, formada pelas primeiras experiências emocionais, deformadas pelas fantasias inconscientes, jamais deixam de existir.

Elas também podem ser observadas no adulto, em situações de crise emocional ou da vida cotidiana que levam a estados inevitáveis de regressão. A perda desses modelos identificatórios infantis é necessária

para a evolução do processo de identificação na busca de individuação, emancipação e autonomia. Entretanto, essa perda progressiva e relativa cria um estado de insegurança e conflito, visto que o ego, fragilizado por todo esse processo, perde seus pontos organizacionais de referência.

Durante esse período de transição, surgem inúmeros mecanismos defensivos primitivos e atuais do ego, tais como negação da realidade, intelectualização, cisão na relação objetal com predomínio de identificações projetivas, recolhimento autístico decorrente de impulsos narcísicos. A dinâmica que se estabelece visa a preservação econômica da energia libidinal ante uma diminuição da auto-estima. Essa regressão envolve períodos de depressão e elaboração, nos quais os jovens recolhem-se em si mesmos. São capazes de se isolarem por longas horas em seu quarto, ou “somem do mapa”. Pode ser tanto uma tentativa de imobilizar o tempo, de torná-lo linear, como uma perspectiva de reorganização interna, uma pausa, como na música, que acaba por dar sentido aos sons.

Cláudia, citada no início deste capítulo, costuma se refugiar num canto da escada do prédio onde mora. É um momento de introspecção, por um lado defensiva contra as agressões do mundo externo ante suas frustrações, e, por outro, um momento de reencontro consigo mesma, um momento de reelaboração de seus afetos e pensamentos, o que lhe possibilita uma reorganização na relação com seus objetos internos.

Não raro, os jovens atravessam essas circunstâncias vivendo um sentimento de profundo vazio. Esse estado de mente pode se organizar em conseqüência a sentimentos de culpa, medo ou outras manifestações destrutivas pela perda dos objetos primitivos.

A agressividade pode se voltar contra o self, dificultando a incorporação de novos objetos em seu mundo interno. Como conseqüência, podem organizar verdadeiros quadros melancólicos, com riscos de atuações que representam “microsuicídios” em vida, ou mesmo tentativas de suicídio.

Não são raras, por exemplo, aventuras sexuais, experimento com drogas, “rachas” de carro, atos delinqüentes, aventuras esportivas que são resultantes de uma necessidade de aderirem a algum objeto mágico, poderoso e nirvânico de forma inconseqüente, na ilusão de reencontrarem os objetos, primitivo e reassegurador, perdidos.

Sugiro aqui a releitura dos versos de Alessandra, na introdução deste capítulo, realçando suas dificuldades em preencher seu mundo

interno com novos objetos amorosos: “Que a escuridão deste mundo seja substituída por uma claridade pura nos meus olhos”.

Dentro desse mesmo prisma, de perdas, os ideais de ego infantil são paulatinamente substituídos por novos ideais, que se organizam como fruto de idealizações e do resultado de experiências vivenciais. Estas são adquiridas por meio das novas descobertas, conquistas e fracassos na vida real e mental, conduzindo-os a reelaborações internas na relação com as figuras parentais. Normalmente buscam novos modelos, objetos afetivos que serão investidos e introjetados nessa reorganização dos ideais de ego, estabelecendo novo nível de conflito em relação às descobertas das capacidades de seu ego ideal. O encontro de ideologias e líderes filosóficos, religiosos, políticos, artísticos, bem como o desenvolvimento de atividades grupais, possibilita o encaminhamento e a busca de resolução do conflito instalado entre as partes primitivas e atuais da personalidade.

Se considerarmos os mecanismos primitivos de funcionamento mental como os que caracterizam o funcionamento psicótico, entenderemos que o adolescente, na busca de sua identidade adulta, vive um fenômeno inevitável e independente de fatores externos, relativo à necessidade psíquica de se desprender de suas partes primitivas. Isto é, de seus núcleos psicóticos, de modo que eles possam ser suficientemente recalçados, reelaborados e reincorporados ao novo self que está se organizando. Veremos mais adiante como Bleger compreende esse fenômeno, no qual há um conflito entre as partes discriminada e não-discriminada da personalidade.

NARCISISMO E ORGANIZAÇÃO EGÓICA

Temos visto que, no adolescente, no decorrer do processo de identificação, emergem no ego os aspectos primitivos e atuais da personalidade. A aquisição de novas identidades não suprime as anteriores, mas recalca as mais primitivas para as profundezas do inconsciente.

Em situações críticas do desenvolvimento humano, e não só nestas, observam-se movimentos regressivos, de tal forma que mecanismos do funcionamento psíquico primitivo, de natureza fusional, simbiótica, psicótica ou autística e do qual fazem parte as primeiras identificações, emergem no ego. Essas partes indiscriminadas perma-

necem apenas “adormecidas”, vindo à tona em situações nas quais predominam ansiedades do tipo catastrófica, paranóide ou depressiva.

Na adolescência, esse fenômeno torna-se mais evidente pelo conjunto de fatores biológicos, psicológicos e sociais que caracterizam esse período crítico, de múltiplas transformações e pleno de ansiedades. O adolescente revive, inconscientemente, a intensidade das vivências da infância em frontal conflito com suas aquisições e experiências atuais, mobilizado que é pelas forças do crescimento, as quais o impelem para a conquista da identidade adulta.

Essa conquista caracteriza-se por uma ampliação do universo relacional, envolvendo aspectos sexuais, cognitivos, emocionais, ideológicos, políticos e sociais.

Vale a pena abrir um parêntese para dizer que o processo de identificação não termina na idade adulta. Ele prossegue por toda a vida, por meio de sucessivos períodos críticos de reorganização egóica, devido a novas redistribuições da libido e a transformações de valores e ideais. A percepção, consciente e inconsciente, da evolução e aproximação do irreversível, a morte, leva o indivíduo à busca de novas relações existenciais, num processo de sucessivas elaborações de perda em seu mundo interno.

A vivência de lutos é inerente à vida emocional, e são vários os períodos críticos durante o processo evolutivo sentidos como tal. O nascimento, o desmame, a entrada na vida escolar, a adolescência, o casamento, todos esses acontecimentos contêm um elemento de perda, o qual, por sua vez, abre espaço para novas aquisições.

Quando os filhos adolescentes partem para dar continuidade à sua vida, os pais vivem intensamente, assim como seus filhos, esses períodos de transformações como perda. Perda não só da condição de pais de crianças, mas de transformação de toda uma relação existencial, em que a perspectiva da relação têmporo-espacial torna-se diferente daquela vivida na infância ou adolescência.

Nesse processo contínuo de transformações, que caracteriza o processo de identificação, há aspectos que se tornam mais ou menos invariáveis, e outros que sofrem contínua evolução.

Assim, podemos dizer que algo da essência dos vínculos estabelecidos a partir da vida intra-uterina e dos mecanismos psíquicos primitivos, de natureza fusional e simbiótica, perpetuam-se e é reeditado na adolescência.

Esses elementos da vida primitiva evoluem a partir de investimentos objetais, de trocas afetivas iniciadas na relação dual mãe/filho, e sofrem as influências do meio.

Essas trocas representam os primeiros modelos identificatórios do bebê e a possibilidade de organização do ego primitivo.

Abrem-se aqui grandes discussões teóricas, especulativas, quanto à gênese do ego: a existência ou não de relação objetal nos primórdios da vida (incluindo a vida intra-uterina), e as repercussões sobre a organização narcísica.

Não pretendo, neste trabalho, alongar-me nessas questões complexas, mas apenas situá-las, para obter subsídios para desenvolver a questão da relação existente entre narcisismo e organização egóica.

Vou mencionar apenas alguns nomes significativos de cada corrente, na certeza de que estou sendo injusto para com muitos autores. Infelizmente não posso me estender neste espaço, e não é minha intenção realizar um estudo teórico abrangente.

Cada analista, de acordo com sua biografia, traços de personalidade, capacidade de observação e conhecimentos teóricos adquiridos, realiza uma seleção, parcialmente consciente, quanto ao seu modo de apreensão dos fenômenos psíquicos. Creio que há muito de intuitivo e empático em relação às teorias que cada um seleciona para a apreensão do seu trabalho analítico, e na utilização de paradigmas que viabilizam a apreensão do mundo psíquico. O leitor perceberá, no decorrer de minhas exposições, que elas não são fiéis a um único e determinado grupo de pensamento. São frutos de sínteses que vão se formando em minha mente ao longo da experiência profissional.

Observamos na história da psicanálise que, como toda questão epistemológica, ela se desenvolve por meio de um sistema de redes associativas, à semelhança da rede descrita por Freud (1895). Parece-me que esta se assemelha ao que se estuda hoje em informática, da teoria das redes, com seus nós, pontos de convergência, divergência, e elementos que não se cruzam num determinado nível, mas que poderão se encontrar por meio de interligações em outros níveis.

Existe uma dicotomia entre escolas psicanalíticas. Uma a favor da existência de uma fase anobjetal, precedendo a formação de objetos internos. A outra defende a idéia de que o ego primitivo estabelece-se a partir de relações de objeto (parcial) desde o início da atividade psíqui-

ca, visto que a pulsão sempre procura algo para investir e se estabelece na mente como uma representação psíquica do objeto.

Nesse sentido, um dos ramos da psicanálise manteve-se mais próximo do pensamento freudiano. Após seu artigo de 1923, “O Ego e o Id”, surgiram novos autores e trabalhos relativos à formação do ego, suas funções e mecanismos de defesa.

Anna Freud, filha do criador da psicanálise, escreveu, em 1936, “O ego e seus mecanismos de defesa”, dando início à escola que posteriormente veio a se chamar “Psicologia do Ego”, a partir dos trabalhos de Hartmann (1939). Outros autores surgiram dentro dessa linha de pensamento, como Bowlby (1969), com extenso trabalho sobre a importância dos vínculos na relação dual mãe — bebê (*Attachment and Loss*) e Spitz (1965), descrevendo os organizadores internos e o desenvolvimento da comunicação, principalmente em seus aspectos pré-verbais (1957).

Surgiram contribuições como as de Mahler (1968), relacionadas à individuação humana. Parte da idéia de que a vida mental evolui de um estado autístico, passa por uma relação de fusão e indiferenciação entre o eu e o não-eu em direção à separação e individuação, com consequente discriminação entre sujeito e objeto.

A outra escola que veio enriquecer o conhecimento e a prática psicanalítica é representada pelos trabalhos de Klein (1932) e seus seguidores, como Segall, Isaacs, Milner, Meltzer, Bion, Bick, Pick, Rosenfeld.

Esses autores deram ênfase às fantasias inconscientes, às posições esquizoparanóide e maníaco-depressiva, aos mecanismos de defesa primitivos (como negação, cisão, controle onipotente, idealização) e suas consequências sobre as relações de objeto parcial e total, e ainda à presença do Édipo precoce.

Um terceiro grupo pode ser identificado nos trabalhos de Winnicott, Storolow, Kohut, Kernberg, com variações que levam em conta conhecimentos que foram se ramificando desses primeiros grupos.

No estudo dessas fases mais primitivas do desenvolvimento (pré-esquizoparanóide e esquizoparanóide) predominam ansiedades psicóticas, catastróficas, persecutórias e depressivas, associadas a processos narcísicos. Esses processos podem associar-se a fortes componentes autísticos, onipotência, arrogância, identificações projetivas maciças, levando à fragmentação dos objetos internos, do self, e inclusive em rela-

ção à percepção do próprio corpo, como se pode observar em certos quadros delirantes e alucinatórios da adolescência.

A intensidade e permanência desses estados no adolescente trazem intensos transtornos adaptativos, de natureza psicótica e psicopática, diferentemente dos processos neuróticos, quando prevalecem os mecanismos de recalçamento. Em qualquer dos casos pode haver comprometimento do processo de identificação e de definição da identidade. Lembro que os processos psicóticos, psicopáticos ou neuróticos não se excluem no ego, podendo haver predominância de um sobre os demais.

Penso que uma das divergências entre a psicologia do ego e a corrente kleiniana estabeleceu-se a partir de questões em torno do conceito de “narcisismo” e das “relações objetais”.

Freud caracterizou o narcisismo como um estado no qual “cada um dos componentes instintuais da sexualidade trabalha por sua conta em busca do prazer, sem se preocupar com os demais, e encontra sua satisfação no próprio corpo do indivíduo. É essa fase do auto-erotismo, a qual é sucedida pela eleição de objeto”.

Noutro trecho: “Os instintos sexuais até então dissociados aparecem fundidos em uma unidade e tomam como objeto o ego; não deixamos de pressentir que tal organização narcísica não haverá de desaparecer nunca por completo” (Freud, “Totem e Tabu”, 1913).

Klein parece ter discordado de Freud em relação à questão do narcisismo primário, no qual ela teria entendido que, para Freud, não haveria objeto, uma vez que o indivíduo investiria a libido sobre ele mesmo.

Para Klein, desde o princípio haveria uma relação de objeto (objetos parciais), o que definiria a existência de um ego precoce já no início da vida relacional.

Penso que neste ponto a discussão é acadêmica. Pode-se entender do texto acima, em que Freud salienta o auto-erotismo como elemento fundamental de prazer, que a relação auto-erótica seria o equivalente da relação de objeto parcial, no sentido kleiniano do termo. O investimento do corpo (parte dele, ou de uma função) seria o objeto de localização da catexia.

Quando no trecho seguinte Freud diz: “os instintos sexuais até então dissociados aparecem fundidos em uma unidade..., penso que daí surgiram as bases para a compreensão da estruturação e desenvolvimento do ego primitivo, bases para a compreensão da formação do self pri-

mitivo como resultante da integração de diferentes partes que o compõem, inicialmente não integradas, em que self e objeto confundem-se.

A denominação “narcisismo primário” talvez não seja adequada, pois entendo que a figura mitológica de Narciso, que dá origem ao conceito de narcisismo, pode representar a existência de uma capacidade de perceber por meio de uma figura discriminada, total, definida e gratificante.

Penso que a expressão self talvez se aproxime mais desse estado, no qual há esboços de uma percepção de si como representantes do que seja o “self primitivo” e as “relações de objetos parciais” da escola kleiniana, ou a relação self/objeto primitivo da escola de Kohut.

Podemos entender então que o narcisismo primário, nesse sentido, é uma etapa do desenvolvimento, e que o ego pode retornar a ela, por meio de fragmentações e relações de objetos parciais, ou por meio de estados de indiferenciação self — objeto.

Esse “estado narcísico” da personalidade pode fazer-se presente como uma fase do processo evolutivo, como uma perversão, ou por ocasião de ansiedades intensas e desestruturantes que atingem o ego fragilizado.

Durante a adolescência, as configurações narcísicas estão em evidência e tomam parte na organização do sentimento de auto-estima, elemento que participa na reestruturação da identidade durante o processo de identificação.

É de fundamental importância para o adolescente a preservação da auto-estima elevada. Pela sua fragilidade egóica, ele torna-se suscetível a situações que abalam esse sentimento. É função da atividade narcísica regular o sentimento de auto-estima e “manter a coesão e a estabilidade da representação do self (o fundamento estrutural sobre o qual repousa a auto-estima)”, segundo Storolow (1983).

As idéias de Freud relativas ao narcisismo primário não são aceitas com unanimidade pelos autores, pois não explicariam de modo suficiente a complexidade das relações primitivas que podem ser mais bem apreciadas pelas teorias das relações objetais primitivas e as teorias do self.

Entendo, entretanto, que as satisfações auto-eróticas estabelecidas com partes do corpo equiparam-se às satisfações oriundas de objetos parciais, e que essas relações equiparam-se às relações self/objetos inicialmente não-discriminadas. Com a evolução, o bebê vai adquirindo a

capacidade de discriminar as suas próprias sensações e os objetos que o estimulam, externos e internos, objetivos e subjetivos, dando um contorno ao seu self. Concomitante e progressivamente, estrutura-se um eixo central, em torno do qual se organizam as diferentes partes do self, que o compõem.

Um conceito que me parece muito interessante é o de “narcisismo funcional”, proposto por Storolow e Lachmann (1983). Esses autores salientam que toda “atividade mental é narcísica no grau em que sua função é manter a coesão estrutural, a estabilidade temporal e a tonalidade afetiva positiva da representação do self”. Entendo a importância desse conceito no sentido de que ele possibilita a compreensão de funcionamentos narcísicos, patológicos ou não, que emergem na adolescência em virtude de configurações arcaicas da relação self/objeto e dos mecanismos primitivos de defesa.

Vale lembrar que o bebê, por meio de suas experiências relacionais e investimentos agressivos e libidinais vividos na relação dual, desenvolve a capacidade de discriminação como consequência dos sentimentos de coesão e de continuidade.

Esses sentimentos estabelecem-se por meio de introjeções e projeções, identificações introjetivas e projetivas a partir de estados especulares e idealizações na relação com os objetos. A capacidade de integração e síntese também se estabelece com a evolução, dando lugar às representações das diferentes experiências afetivas.

Vemos que dificuldades precoces no relacionamento mãe/bebê, nos primeiros anos de vida, podem perturbar profundamente a organização do sentimento de continuidade e da auto-estima, do sentimento subjetivo de identidade e dos sentimentos de constância do self e do objeto.

Penso que as idéias de Winnicott (1971), ainda que seguindo por outros caminhos, podem ser aqui inseridas, quanto à organização do falso e verdadeiro self. A mesma referência pode ser feita a Kernberg (1980). Sua psicologia, uma tentativa de aproximação dos conceitos kleinianos (agressão pré-genital e mecanismos primitivos de defesa) e da psicologia do ego, contribui para a compreensão dos estados narcísicos e *borderline* da personalidade, frequentemente observáveis durante a crise da adolescência.

Hinshelwood (1991) esclarece-nos que, para Klein, as expressões self, ego e sujeito eram usadas de forma intercambiável e que “o termo ego (e também “sujeito”) é empregado como complemento do

objeto, enquanto self é usado para abranger a totalidade da personalidade, que não inclui apenas o ego, mas também a vida pulsional... já o ego é a parte organizada do self”. Mais adiante, acrescenta que a psicologia do ego distingue as diferenças existentes entre ego e self. O ego é “uma organização mental objetivamente descrita, e o self é a representação que é investida no narcisismo”.

A relação self/objeto primitivo, momento em que não há discriminação entre sujeito e objeto, evolui em sua trajetória para a diferenciação. O bebê, a partir da relação dual, abre caminho para a individuação, por meio das forças de coesão que agregam as partes do self (ou dos objetos parciais), oriundas de um estado narcísico primário que é, penso eu, o organizador do sentimento de ser, base do self primitivo, por meio das trocas realizadas com o objeto real externo, a mãe.

O objeto externo funciona como um espelho usado para desenvolver um retrato do self. A capacidade de *holding* e de *rêverie* do objeto torna esse objeto-espelho um modulador das características afetivas projetadas pelo bebê. Essas características afetivas, ao serem reincorporadas, sofrem as influências das fantasias existentes tanto no objeto-espelho como no bebê.

Concordo com Hinshelwood(1991), que vê semelhanças entre os pontos de vista de Klein, Kohut e Winnicott, de que a primeira preocupação do bebê é manter seu sentimento de self, o qual chamaria de sentimento de ser, contra o medo do aniquilamento.

Penso que hoje há uma tendência entre os autores em torno da afirmação de que o ego coeso é uma resultante das forças de integração dos múltiplos objetos parciais (bons e maus, construtivos e destrutivos), os quais correspondem às partes que compõem o self.

Há autores que comparam essas partes com os elementos de uma família. Dentro de uma família, cada elemento tem suas características individuais e dinâmicas próprias. Concomitantemente, age sobre os demais elementos e sofre a ação destes. Por exemplo, o adolescente sofre as pressões do crescimento com orgulho e desafio, como aspectos do seu self, e simultaneamente vive a inveja e hostilidade em relação ao seu próprio crescimento. Parte de si não pode suportar essa condição, como um irmão menor que não agüenta as diferenças em relação ao irmão maior e, por isso, precisa destruí-lo.

Os ataques inconscientes ao crescimento são como uma defesa para não ter de se afastar da sua criança e admitir que, para alcançar em

si o adulto que deseja ser, depende de muito trabalho mental: tempo, experiência, elaboração e dor.

As primeiras relações estabelecidas com o corpo materno deixam seus registros no ego primitivo de modo que, paulatinamente, tais registros efetuados nas memórias sensoriais, cognitivas e emocionais intercomunicam-se, formando sistemas cada vez mais complexos.

Das características dessa época começa a se estruturar o psiquismo infantil, por meio do encontro entre “o narcisismo materno, que se estende à criança, e a criança, que tem sua mãe incluída em seu mundo interno”, conforme se expressa Erikson (1950).

O bebê, que vivia como ser associativo em função de sua quase exclusiva vida instintiva e com predomínio do princípio do prazer, depara com o primeiro legislador e organizador externo, a mãe, que o conduz à adaptação e ao princípio da realidade (Spitz, 1965). Isso significa aprender a discriminar e a tolerar frustrações ante impulsos e desejos. Repetidas situações dessa natureza possibilitam à criança desenvolver e organizar em seu ego mecanismos de defesa que contribuirão para sua capacidade adaptativa. Cria-se um espaço propício para as representações sensoriais e simbólicas, que são as bases da comunicação humana.

A época mãe/bebê, inicialmente indiferenciada, fusionada, simbiótica, vai se modificando em direção à diferenciação entre o eu e o não-eu, entre o self e o objeto, na busca da individuação, caminho para a conquista da própria identidade.

A organização das instâncias psíquicas, dos mecanismos de defesa, das relações de objeto parcial e total possibilita o desenvolvimento dos processos de identificação e da identidade, com diferentes características, segundo os momentos evolutivos em que se encontram. Os objetos introjetados vão sendo recriados no ego, e organiza-se o superego.

Esses objetos inicialmente estão relacionados com os corpos do bebê e da mãe. Refiro-me à percepção dos batimentos cardíacos maternos, ao contato de pele, à tensão corporal, ao olhar, à vibração emocional existente entre ambas, mãe e criança.

Gestos, atitudes e emoções vão sendo incorporados, deixando impressas suas experiências emocionais. São as primeiras identificações perceptuais, as quais possibilitarão o desenvolvimento conceitual entre semelhanças e diferenças, entre prazeroso e desprazeroso, entre sincronismo e assincronismo na relação, substrato para o desenvolvi-

mento da empatia, do sentimento de confiança básica, da qualidade das relações objetais, bases das primeiras identificações.

Nas fases iniciais do desenvolvimento, a discriminação é inexistente ou tênue. Com a evolução, a discriminação caminha para um certo estado de percepção afetiva, de natureza confusional, até alcançar a capacidade de discriminação. O ego evolui da total indiscriminação, passando por um estado de ambigüidade, até alcançar um estado de ambivalência. Surgem a capacidade de ter dúvida e a possibilidade de elaborar o pensamento. Nesse ponto, o ego organizado tem a possibilidade de funcionar com predomínio do processo secundário.

Esse conjunto de elementos da vida mental primitiva, representados por mecanismos de defesa primitivos, características das relações self/objeto primitivo e ansiedades inerentes a esses estados psíquicos, configura o que chamamos de “estados primitivos da mente”, e que, a meu ver, se aproximam dos conceitos de Bleger, de partes não-discriminadas da personalidade.

RUPTURA ENTRE AS PARTES NÃO-DISCRIMINADAS E DISCRIMINADAS

O conjunto dessas estruturas primitivas fusionadas, não-discriminadas, indiferenciadas, Bleger (1977) denominou “estrutura sincicial”. Esse autor assinalou que a problemática do adolescente consiste em como “desconectar-se a partir dessa fusão primitiva e organizar outro tipo de conexão ou relação”. Quero lembrar mais uma vez que essa organização primitiva contém o narcisismo primitivo. Essa condição é de fundamental importância para a compreensão de muitos dos fenômenos normais da adolescência. Dependendo de sua intensidade e duração (refiro-me ao narcisismo primitivo), poderá trazer sérias conseqüências para o processo de identificação e identidade do jovem.

Freud (1914), em “Introdução ao Narcisismo”, já havia alertado para o fato de que o hiperinvestimento do estigma narcísico na eleição do objeto traz inúmeras dificuldades no desenvolvimento das relações.

Portanto, a parte fusionada da personalidade acompanha o indivíduo ao longo de sua vida, e sua maior ou menor variabilidade interfe-

rirá na organização da identidade. Ela funciona como se fosse um “protótipo identificatório” (Bleger, 1977), com o qual a nova identidade em formação compara-se, desvincula-se e se transforma, em grande parte, em elementos que comporão a identidade adulta.

Cito, por exemplo, a possibilidade de um rapaz fixar-se ou transformar suas primeiras experiências infantis, simbióticas na relação com a mãe, em capacidade de *maternage* em relação à sua futura paternidade. Na primeira situação, poderá preservar o estado simbiótico e estabelecer uma relação de dependência infantil em sua vida amorosa, ou poderá transformar esse modelo relacional primitivo em algo funcional, como parte do seu self e de sua identidade masculina, tornando-se um pai maternal, presente e provedor.

Na adolescência, os investimentos narcísicos estão exacerbados. Dependerá dos mecanismos esquizóides ou dissociativos a possibilidade de diferenciação e discriminação desses núcleos aglutinados, de natureza narcísica, a partir da estrutura sincicial.

Concordo com Bleger quando afirma que parte dessa estrutura sincicial jamais alcançará um estado estrutural mais diferenciado. Somente parte dessa estrutura sofrerá transformações, sobre as quais se organizarão as partes mais evoluídas da personalidade.

Seguindo as idéias de Bleger, a identidade encontra-se estruturada em três níveis que se interatuam: 1- estruturas mais evoluídas da personalidade que intervêm na sociabilidade, caracterizada pela relação interpessoal e baseada fundamentalmente sobre os mecanismos de projeção e introjeção; 2- mecanismos de identificação projetiva-introjetiva e 3- persistência da estrutura sincicial primitiva.

Portanto, parte da identidade organiza-se sobre uma base que é pouco evoluída, que não é nem interna nem externa, pois ainda não houve essa discriminação em termos de individualização. Conclui o autor que esses aspectos são fundamentais em relação ao processo de identificação do adolescente, “porque a crise de identidade do adolescente é basicamente uma ruptura ou desorganização da estrutura sincicial, o que ocorre sempre que uma crise vital resulta profunda e total”.

Um outro ponto de vista em relação ao processo de identificação do adolescente é o de Mahler (1968). Ela caracteriza o processo adolescente por meio da evolução egóica e da relação de objeto. Para a autora, há um processo de fusão, seguido de dessimbiotização, que

ocorre em duas fases durante a evolução: a primeira na infância e a segunda, na adolescência.

Na infância, o bebê vive um estado autístico normal, de “desorientação alucinatória primária”, e a satisfação de suas necessidades advém do seu próprio mundo autístico todo-poderoso. A etapa seguinte caracteriza-se pelo estabelecimento de uma relação simbiótica normal. Nesta, o bebê e sua mãe funcionam formando um sistema único, investido de modo onipotente, no qual não há discriminação entre o eu e o não-eu.

A autora valoriza a idéia de narcisismo primário de Freud, e o subdivide em duas fases: narcisismo absoluto, que corresponde a uma ausência de consciência em relação ao agente materno, e uma outra fase na qual surge a noção da existência do elemento gerador de gratificações.

Salienta que o conjunto de sensações internas constitui o “núcleo do self”, ponto central, cuja cristalização em torno do sentimento de si favorecerá o desenvolvimento de um sentimento de identidade. Esse sentimento possibilita ao bebê delimitar seu próprio mundo, definindo os contornos do ego corporal, distinguindo-o daquele representado pelo mundo dos objetos. Com a evolução do ego primitivo, há o deslocamento da libido, de tal forma que o objeto investido é discriminado do próprio eu. Esse movimento dá condições para que o bebê caminhe em direção à autonomia e individuação.

Na adolescência ocorre a segunda fase do processo de “des-simbiotização”, necessária para que se alcance um estado de autonomia e emancipação. Desvios poderão levar o adolescente a uma persistência ou abandono prematuro em relação ao objeto interno primitivo.

No primeiro caso, gerando um prolongamento na relação de dependência em relação a objetos idealizados, predominantemente por meio de processos primários, com baixa tolerância a frustrações e atuações. A predominância de identificações projetivas ocupa o espaço do pensar e torna o outro depositário de aspectos seus, agindo de modo controlador sobre o objeto das projeções.

Quando, pelo contrário, ocorre uma desconexão rápida dos objetos primitivos, podem surgir profundos sentimentos de “vazios”. Cassorla (1991) mostra-nos a probabilidade de esses casos caminharem para o suicídio, somatizações, ou para a organização de uma pseudo-maturidade representativa de um falso self.

Esse processo de desconexão pode ser observado também do ponto de vista da desidentificação. Aspectos das múltiplas identidades

anteriores (ou múltiplas facetas da identidade anterior) são desinvestidos para que o indivíduo possa dar outro curso à sua história.

O indivíduo necessita desvencilhar-se das identidades mais primitivas e reidentificar-se a partir da escolha de novos objetos. Esse processo é carregado de dor e culpa, mas, por outro lado, libera-o ante as novas pulsões e possibilita-o construir uma nova identidade e modelo de vida.

Kancyper (1990) salienta que, nesse processo de desidentificação e reidentificação, há uma liberação da pulsão de morte, que pode sofrer diferentes destinos: estabelecer novas identificações, podendo caminhar para identidades negativas, ou tornar-se parte de um superego tirano e punitivo. As dificuldades na resolução dessas situações podem conduzir o adolescente a organizar-se em quadros graves de depressão, pânico, sentimentos de abandono, fuga da realidade, quadros obsessivos, os quais se confirmam em minha prática clínica.

Cito como exemplo o caso de uma jovem com quadro de bulimia, intercalado por períodos de anorexia. Essa adolescente definiu, conscientemente, que seu corpo deveria ter determinado peso, muito abaixo de suas necessidades vitais. Estabeleceu com ele uma relação tirânica e onipotente, de tal forma que elevações imaginárias ou reais de peso, ainda que mínimas, motivavam vômitos deliberados, chegando a tal perda de peso que ocasionou quadro de amenorréia.

Pude perceber em sua análise (há comentários a respeito desse caso no capítulo 10) componentes narcísicos evidentes, por meio de uma imagem idealizada e narcísica de seu ego corporal. Estabeleceu com seu corpo uma relação de objeto parcial, uma vez que excluiu da mente funções e necessidades biológicas que o compõem, como: peso mínimo para um funcionamento corporal adequado, definição da identidade de gênero. Estabeleceu, por meio do corpo, uma relação tirânica e onipotente consigo mesma. Seu corpo transformara-se no depositário de vivências persecutórias, terroríficas, de caráter psicótico, como via de negação de sua sexualidade e fertilidade. Seu corpo devia se submeter a seus desejos idealizados de prazeres imediatos.

Kohut (1971) chama de “raiva narcísica” o ataque que o indivíduo realiza a si mesmo quando não corresponde à imagem idealizada de si, sendo esta uma condição para o surgimento de doenças psicossomáticas. No caso em questão, as manifestações bulímicas, anoréxicas e depressivas parecem conter esse componente. É possível que a

amenorréia seja conseqüência não só das alterações hormonais, de natureza orgânica, decorrentes do baixo peso, mas esteja imbricada a conflitos emocionais, de expressão psicossomática.

Ao negar sua feminilidade, valorizava a erotização e o prazer imediatos oferecidos pelo seu corpo, mal discriminando as qualidades afetivas da relação. Estabeleceu com o analista uma relação transferencial erótica, cuja função parecia estar ligada a uma questão sensorial, de pele, como se dessa forma buscasse dar um contorno ao seu self. Dito de outra forma, era um meio de despertar no analista um estado de “preocupação materna primária”, por meio de uma reação contratransferencial de continência, *holding*.

Dava ao seu corpo aparência masculina, perdendo as formas arredondadas e vestindo-se de forma ambígua, reveladoras de forte presença de aspectos da mente primitiva: presença da bissexualidade, da dificuldade de discriminação na escolha objetal, na discriminação self-objeto. O objeto era utilizado para satisfazer seus ideais narcísicos. Em certos momentos, esse objeto era considerado apenas um instrumento para a realização de seus desejos imediatos.

Havia ainda temores ante impulsos hetero e homossexuais incestuosos, carregados de sentimentos de culpa e inaceitáveis como integrantes do seu self. Não estava sendo capaz de transformá-los em aspectos de sua identidade adulta. As constantes atuações, à medida que puderam ocorrer dentro do *setting* analítico, deram margem a interpretações transferenciais a partir de intensas identificações projetivas. Predominava o processo primário, elemento da estrutura sincicial, cuja relação simbiótica à figura materna primitiva idealizada bloqueava o desenvolvimento de sua identidade adulta e a aceitação de sua sexualidade. Parecia caber ao analista a função de intervir nesse tipo de relação, por meio da interpretação, para que a paciente tivesse a oportunidade, por meio de seu *insight*, de romper o estado fusional self — objeto idealizado. A imagem paterna representava uma figura passiva ou ausente.

Outros conflitos carregados de culpa e punição comprometiam sua trajetória identificatória. Com o decorrer da análise, foi possível identificar esses núcleos primitivos e, graças à parte mais desenvolvida de sua personalidade, pôde desvincular-se dessas relações primitivas, reelaborar sua condição de ser, e de ser mulher.

Pelo relato desse caso, pode-se caracterizar também a fantasia primordial, que Joyce McDougall chama de “um corpo para dois”, e

que está presente em todo ser humano. É o protótipo biológico da relação psicológica básica estabelecida na relação mãe/bebê. Para o bebê, qualquer situação de desprazer, de descontinuidade, de perda de sincronia, de frustração, deverá ter seu equilíbrio restabelecido, na busca da homeostase, por meio da mãe, reproduzindo essa relação fundamental vivida na vida intra-uterina. As capacidades de *holding* de Winnicott, por meio da preocupação materna primária, ou de *reverie* de Bion, representam tendências na vida exterior, ao reproduzirem as qualidades vinculares daquela relação fundamental.

McDougall (1987) caracteriza essa situação de uma forma muito lúcida e bonita: “Tudo aquilo que ameaça destruir a ilusão de indistinção entre o corpo próprio e o corpo materno o impulsiona a procurar o meio intra-uterino perdido, e induz a mãe a responder instintivamente a essa demanda, trazendo alívio e sono ao bebê, pelo ritmo de seu corpo e pela manutenção do contato corporal”.

O prolongamento imaginário dessa relação “um corpo para dois”, no recém-nascido, é que rege o seu funcionamento somatopsíquico. É por meio das frustrações, adequadamente moduladas pela mãe “suficientemente boa”, que o bebê progride do estado alucinatorio (passando pela ilusão), até alcançar a relação com o objeto real. Progressivamente, a criança estabelece uma relação com o objeto real interno, elemento do equipamento mental, e a separa das reações do corpo.

Conforme sugere Winnicott, há um momento em que a criança alucina o seio como fazendo parte dela mesma, portanto parte do seu narcisismo primário. Quando a mãe oferece o seio, o bebê transforma essa alucinação numa ilusão, como se o objeto tivesse sido criado por ele, criando a área da ilusão. Essa evolução possibilita que se organize na mente do bebê um espaço virtual e lúdico, que conterá as representações do self, do objeto, conjuntamente com a capacidade de pensar. A criança busca, dessa forma, recriar a ilusão da unidade básica, formada por corpo — mente — seio materno.

Penso que a relação que o adolescente mantém com o objeto idealizado visa reproduzir essa fantasia primordial, de um corpo para dois. Essa fantasia, representada pela ilusão da unidade básica, é quebrada quando o bebê abandona o útero materno e vive a experiência emocional que Meltzer (1985) denominou como a perda do objeto estético, a ser recuperado em cada relação, e ao longo da vida. Nos momentos depressivos e de regressão, busca-se retornar à ilusão da unida-

de básica e resgatar a vivência da relação com o objeto estético fundamental.

McDougall enfatiza que falhas nesse processo fundamental trazem repercussões sobre a capacidade de integração e de discriminação do seu corpo, pensamentos e afetos.

O adolescente, ainda que nas fases anteriores à adolescência tenha vivido com um razoável equilíbrio e compensação falhas ou traumas, reais ou fantasiosos, ocorridos nos períodos iniciais da vida, terá grande probabilidade de reviver, na vida relacional atual, manifestações psíquicas que contêm características semelhantes às daquele período, concomitantemente às aptidões atuais.

O VERDADEIRO E O FALSO SELF

O adolescente, na definição de sua identidade, realiza uma luta interna e externa para descobrir e expressar o seu eu autêntico. O cantor e compositor Lobão reproduz na letra de sua música esse sentimento, ao dizer: “eu me amo”.

Juntamente com os desejos, medos e a coragem ante os desafios, o adolescente enfrenta o desconhecido que emerge dentro de si. Teme se desiludir consigo mesmo, em suas experiências, e com o mundo.

Porém, existe um outro medo, o de ter o seu “eu verdadeiro” aniquilado pela imposição do desejo externo, pelo *stablishment*, e em conseqüência pode sentir a necessidade de se defender adaptando-se, sendo aquilo que ele realmente não é.

A questão básica é a intensidade dessa submissão. A vida em sociedade requer certa dose de falso self para que ela possa se realizar. Simpatia, delicadeza, cordialidade, diplomacia são atributos que podem ser usados para mascarar externamente os verdadeiros sentimentos, assim como muitas reações agressivas podem ser defensivas ante o temor em externar a sensibilidade e o amor. Por exemplo, adolescentes do sexo masculino podem reprimir sua delicadeza e sensibilidade por se sentirem ameaçados em sua virilidade, devido a fantasias e questões culturais, tolhendo algo que lhes pode ser espontâneo e autêntico, aniquilando algo do seu ser.

O adolescente, em meio às suas inúmeras indefinições, necessita experimentar-se para se conhecer, e muitos se defendem, pois trazem em sua biografia e fantasias seqüelas na formação do verdadeiro self. Quando a pessoa não se dá conta de seus sentimentos reais e deforma a sua capacidade criativa e espontânea de responder aos estímulos, acaba por se expressar por meio do falso self. Torna-se uma personalidade que se organiza “como se”.

Costumo usar como analogia para caracterizar a personalidade “como se” a imagem de um fruto chamado “sabra”, que existe no deserto do Negev, no Oriente Médio. É um tipo de cacto, pleno de espinhos por fora, casca grossa, e cuja polpa é doce e saborosa. Talvez sua aparência externa rude e agressiva tenha sido a forma defensiva encontrada na natureza para suportar a aridez do solo e as grandes variações de temperatura no deserto. No sertão brasileiro há um outro tipo de cacto, muito rugoso e espinhoso, do qual o nordestino retira a água para sobreviver. Se tomarmos a aparência desses cactos como verdade absoluta, a essência deles estará sendo aniquilada. É isso que o adolescente teme, e é contra essa ameaça, consciente ou inconscientemente, que ele luta, por meio de sua rebeldia.

A base do ser autêntico está nos primórdios da relação mãe/bebê. A mãe que temporariamente aceita submeter-se a viver sob um estado de dependência e de controle onipotente, e que, progressivamente, ajude o bebê a lidar com frustrações, estará contribuindo para que se forme na mente dele um espaço virtual, no qual ele tem a ilusão de criá-la, ali onde a deseja, e assim estruturar o sentimento de ser, base do verdadeiro self.

Por meio de um estado psíquico que Winnicott (1971) denominou preocupação materna primária, a mãe, paulatinamente, pode ajudá-lo a lidar com suas frustrações, modulando-as de modo que o sofrimento inerente seja suportável, sem que se transforme em ameaça de pânico, de catástrofe ou de desorganização. Caso contrário, o bebê terá de se submeter ao outro, organizando-se em torno de um falso self, para sobreviver às fantasias de aniquilamento.

Quando o bebê, por falhas existentes nessas primeiras relações, tem de crescer mais rápido do que pode, suportar frustrações em demasia, comer quando não tem fome, ser acordado quando ainda quer dormir, controlar os esfíncteres antes do tempo, acaba adaptando-se para sobreviver.

Winnicott (1960, 1965, 1971) desenvolveu em profundidade suas teorias a respeito de como se formam o verdadeiro e o falso self. Reproduzo um trecho do livro *O Ser e o Viver*, de Júlio de Mello, a respeito do tema em questão: “A mãe suficientemente boa alimenta a onipotência do lactente, e o faz repetidamente. Um self verdadeiro começa a ter vida a partir da força dada ao ego fraco do lactente, pela complementação da mãe das expressões de onipotência do lactente”.

Sobre o falso self, Júlio de Mello assinala: “A mãe que não é suficientemente boa não é capaz de complementar a onipotência do lactente, e assim falha, repetidamente, em satisfazer a manifestação do lactente; ao contrário, ela o substitui por sua própria manifestação, que deve ser validada pela submissão do lactente. Essa submissão por parte do lactente é o estágio inicial do falso self, e resulta na incapacidade da mãe em sentir as necessidades do lactente” (...) “Por meio desse falso self, o lactente constrói um conjunto de relacionamentos falsos, e, por meio de introjeções, pode chegar até uma aparência de ser real, de modo que a criança pode crescer tornando-se exatamente como a mãe, babá, tia ou irmã, ou quem quer que seja que, no momento, domine o cenário.”

Na busca de sua autenticidade, o adolescente pode viver uma condição de “falso self”, ou, dito de outra maneira, surge um falso self adequado, pois ele necessita agrupar-se, pertencer a uma turma (visto que seus componentes usam as mesmas roupas, cortes de cabelo, ouvem as mesmas músicas, seguem as mesmas ideologias), graças a uma individualidade ainda não definida.

Em meio às suas dúvidas e confusões, identifica-se com o grupo, de modo a quebrar seus vínculos de dependência com o meio controlador, até poder resgatar o sentimento de que o que o ilumina em suas buscas é interno, vem de dentro, do fundo da alma.

Não raro, os pais sugerem algum caminho para o jovem, o qual ele nega frontalmente como opção. Tempos depois, quando a situação já parece estar esquecida, ou ter sido superada, eis que o jovem nos surpreende com sua decisão, muito semelhante à sugerida inicialmente. A grande e fundamental diferença é que a definição veio de dentro, como uma elaboração criativa e original dele.

Qualquer outro movimento é comumente sentido como pressão, imposição, ameaça, invasão do espaço próprio, levando-o a reagir defensivamente ante o que lhe parece ser uma ameaça de aniquilamento do seu próprio eu.

Voltando ao texto anterior, Mello Filho prossegue: “Como na base do falso self está a dificuldade do pleno uso da onipotência infantil, da qual derivam a ilusão, a imaginação e o brincar, isto é, a capacidade de usar símbolos, os pacientes com um grande falso self, nos adverte Winnicott, têm pobreza de vida cultural”. Há uma hiperadaptação ao meio, que contrasta com uma pobreza de vida interior. O exibicionismo, a estereotipia de comportamento e o mimetismo são tendências reveladoras do falso self.

A busca do eu autêntico tem como resultado a possibilidade de viver com seus aspectos psíquicos antagônicos, como querer crescer sem abandonar os privilégios de sua criança. Tem de incorporar ao seu eu aqueles aspectos que considera indesejáveis; acredita ser apenas bondoso e não se dá conta de que também é o próprio lobo vestido de cordeiro. São sentimentos que podem ferir o desejo de manter o ideal narcísico imaculado, sem perceber que esses são componentes inerentes à sua personalidade. Isto é, o indivíduo é constituído, em seu ego, de aspectos de vida e de morte, de construção e de destruição, mesmo no âmbito narcísico, como partes do seu self.

O autêntico é o que não é falso. É o que é original, e portanto é libertar-se da imposição do desejo do outro e do próprio superego censor. Assim, poderá conquistar a realização e controle dos próprios desejos para a sua satisfação. E conquistar a capacidade de estar só, diante da necessidade de opção ante um conjunto de desejos, e apesar do outro.

TRANSFORMAÇÕES COGNITIVAS E O APRENDER COM A EXPERIÊNCIA

Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, sabemos que o adolescente alcançou um nível de desenvolvimento que lhe permite utilizar o pensamento hipotético-dedutivo, estágio combinatório (reciprocidade, mutualidade afetiva e social) no qual prevalecem as operações formais, descritas por Piaget (1990).

O adolescente é capaz de propor enunciados verbais. Realiza experiências num momento da vida em que as condições de compromisso e responsabilidade são menores quanto às suas conseqüências, dando-lhe maiores possibilidades para trabalhar por meio de erros e acertos.

Sua capacidade intelectual dispõe de mecanismos para a efetuação de análise e síntese. Levanta hipóteses, avalia probabilidades, correlaciona. Lida com um conjunto de variáveis e movimentase do particular para o genérico e vice-versa. Estabelece conceitos. Analisa resultados e sugere novas hipóteses, ampliando sua cadeia associativa e o campo de conhecimentos nos âmbitos cognitivo, afetivo e social.

Contudo, o adolescente, como temos assinalado no decorrer deste trabalho, apresenta intensa carga de mecanismos de defesa primitivos, próprios do processo de identificação, que invadem o seu ego e interferem em suas funções cognitivas. Quando as identificações projetivas, a onipotência, a ambivalência são excessivas, ao lado de grande capacidade de racionalização, acabam por enfraquecer o ego. As capacidades perceptiva, elaborativa e associativa tornam-se comprometidas, empobrecendo o contato com o mundo objetivo e com as experiências emocionais.

Como conseqüência, prevalecem mecanismos próprios do pensamento primitivo, com funções de descarga por meio de atuações, negações, cisões, em prejuízo das funções intelectuais de análise, crítica, síntese, e da atividade criativa.

Muitas atitudes delinqüentes são decorrentes de “ações impen-sadas”, pelas dificuldades de acesso ao pensamento formal, perturbado pelas distorções na apreensão das relações têmporo-espaciais e na integração entre o eu e o não-eu.

Os conceitos de Klein (1923) sobre a relação entre a curiosidade sexual, o sadismo e o impulso epistemofílico contribuíram para a compreensão da interferência de fatores emocionais, ligados à curiosidade sexual, na formação de quadros de inibição intelectual e transtornos de aprendizagem.

Noutros trabalhos (1930a, 1931), Klein avaliou os transtornos intelectuais em pacientes psicóticos, pondo em evidência a existência de ataques agressivos ao objeto e conseqüente cisão dos objetos em totalmente bons ou maus, gerados pelo ódio e pela inveja deles. A conseqüência é uma percepção distorcida, com prejuízos na integração das diferentes partes que o compõem. Klein identificou que a atividade perceptual e intelectual do bebê era desenvolvida e precoce, sugerindo a existência de conhecimentos inatos. Talvez os conceitos de proto-representação, de Freud, e de pré-concepção, de Bion, aproximem-se dos conhecimentos inatos de Klein.

Ela contribuiu também com o conceito de fantasias inconscientes, mostrando que as capacidades de amar e odiar ampliam ou destroem as possibilidades do conhecer.

Por intermédio de Bion (1962b, 63, 65, 67, 70) pode-se ampliar a compreensão de como o predomínio dos mecanismos psíquicos primitivos perturbam e interferem na livre utilização da capacidade de pensar. As atuações prevalecem em função de estados afetivos, como a inveja que perturba, por exemplo, a capacidade de incorporação e a compreensão.

Quando há a prevalência de identificações projetivas intensas, o aparelho de pensar é destruído. A impulsividade leva o indivíduo a usar o aparelho mental de modo primitivo, como elemento de descarga, prejudicando as possibilidades de trocas intelectuais, sociais e afetivas.

Em contrapartida, o adolescente pode hiperinvestir nas funções intelectuais como defesa ante os temores oriundos da sexualidade genital que tenta se impor em sua vida. Sentimentos de culpa e inibição intelectual, por sua vez, podem ser decorrentes de temores inconscientes ante as fantasias sexuais ligadas a conflitos infantis não resolvidos, carregados de aspectos perversos, em um ego enfraquecido e empobrecido pelos conflitos que o envolvem.

Portanto, há uma nítida relação de interdependência entre amor, ódio e conhecimento. Essa relação inicia-se a partir da qualidade do vínculo estabelecido na relação mãe/bebê. As capacidades de continência e de *rêverie* da mãe, de poder modular e filtrar as ansiedades que atingem o bebê, possibilitam-no, a partir do contato corporal gratificante, a incorporá-la e conhecê-la vivencialmente, sendo essas as bases do aprendizado, do conhecimento e da formação do aparelho de pensar.

Na vida primitiva, os primórdios do conhecimento são corporais, somáticos, e estão atrelados às sensações físicas, que são transformadas de elementos sensoriais em conteúdos mentais, por meio da função alfa. Dependendo da qualidade do vínculo estabelecido entre ambos, o bebê pode transformar os elementos sensoriais (beta, na versão de Bion) em pensamentos, isto é, numa qualidade mental mais evoluída, por meio de conteúdos mentais utilizáveis para pensar e sonhar, e não somente como elementos de descarga.

Por exemplo, uma relação pautada na inveja e no ódio torna o objeto sobre o qual se projetam as fantasias destrutivas um objeto amea-

çador, destruído ou ausente, e em conseqüência surgem sentimentos persecutórios, de total desamparo, ou de aderência, prejudicando a incorporação adequada do objeto, com repercussões sobre a compreensão, o conhecimento e o aprendizado que podem advir da relação estabelecida com esse objeto.

O adolescente, pelas características já assinaladas, torna-se mais vulnerável a perturbações em sua capacidade de pensar e na plena utilização de seus potenciais cognitivos. Manifestações como baixo rendimento escolar, desinteresse pelo conhecimento, bloqueios na compreensão, estados de devaneio, manifestações psicóticas ou delinquentes podem ser expressões sintomáticas conseqüentes à ação da vida afetiva sobre a atividade cognitiva.

Uma criança que cresce em condições de abandono atinge a adolescência num estado de profunda desvantagem em relação a outros jovens criados dentro de um contexto familiar. Seus aspectos cognitivos, afetivos e conativos em suas relações com o mundo externo e interno, em termos de desenvolvimento, percepção e integração, sofrem falhas e distorções irreparáveis ao longo da vida. Observa-se que muitos desses jovens não chegam a alcançar o pensamento formal e combinatório, organizando-se dentro de quadros deficitários, melancólicos, delinquentes, psicóticos, ou psicopáticos, com limitações em suas capacidades de sublimação dos aspectos pulsionais sádicos e libidinais em conhecimento e criatividade.

Apresento uma síntese proposta por Carvajal Corzo (1993), que inclui contribuições de vários autores, particularmente Freud e Bion, oferecendo uma visão objetiva e prática dos diferentes níveis que constituem a capacidade de pensar. Da mais primitiva (ação) para a mais complexa (sublimação):

- sublimação
- ideação racional consciente
- jogar
- fantasiar
- sonhar
- sintoma psíquico (desde a angústia até o delírio)
- resposta corporal (psicossomático)
- ação

O pensamento adulto oscila normalmente entre esses diferentes níveis, por meio dos quais o sistema psíquico busca aliviar-se de suas tensões. Como afirma Carvajal, “o mero desenvolvimento do sistema cognitivo não garante um manejo pensante do psíquico. O importante é a união entre o sistema simbólico e o mundo instintual. O divórcio desses sistemas só produzirá intelectualização com descargas dissociadas (...) A intelectualidade não vacina contra a irracionalidade. Somente um equilíbrio adequado entre aprendizagem intelectual e controle instintual pode formar um ser com uma repressão permeável e um manejo cultural adequado do seu psiquismo inconsciente”.

Isso significa a necessidade de um trabalho integrado entre cognição e vida afetiva, para que se alcance um equilíbrio adequado entre as diferentes forças que pressionam o ego.

Ilustro essa transitoriedade entre diferentes níveis de pensamento com um caso clínico.

Uma adolescente traz como recordação, em sessões de análise, a idéia de ter sido mal amada por sua mãe. Tem a impressão de que viveu abandonada, aos cuidados de terceiros, enquanto sua mãe saía para trabalhar. Acredita que sua situação tenha se agravado a partir do nascimento da irmã, um ano mais nova do que ela. Sente muito ciúme dela, e vê-se constantemente ameaçada em relações que envolvem triangulação e confrontação. Isso ocorre em relação não só a pessoas, mas também a idéias que ameacem a organização do seu pensamento original. Em situações dessa natureza, a ansiedade persecutória aumenta, e ela acaba por abandonar a pessoa, coisa (ou a si mesma) com a qual está emocionalmente envolvida. Seu desejo de controlar sadicamente o objeto *versus* a autonomia do objeto, que pode ser um aspecto do seu eu, como um determinado sentimento, leva-a a um estado de frustração e ódio, com conseqüente ataque ao objeto ou ao pensamento. Perde com isso a possibilidade de conhecer outras facetas do objeto, que inclusive pode ser ela mesma, esterilizando as relações e sua capacidade de alcançar um pensamento criativo. Em alguns momentos, sua mente funciona num estado de pseudodebilidade intelectual, como defesa ante angústias que lhe ocorrem ao usar sua capacidade de pensar, ou perde-se em devaneios ou tende à atuação. A expressão final é de um pensamento pobre, o qual tende à estereotipia. O ciúme ou a inveja que sente, inclusive de si mesma, em relação aos seus aspectos desejosos de desenvolvimento acaba por prejudicá-la em suas funções cognitivas,

na compreensão dos fatos e nas possibilidades de criar e de aprender a partir da experiência emocional, resultando, nesses momentos, em uma ação que tem a função de descarga em vez de alcançar o equilíbrio interno pensando pensamentos.

Encerro este capítulo com uma síntese preciosa de Hinshelwood, que diz: “o pensamento e a racionalidade dependem da vida emocional do tipo mais primitivo, e, em realidade, dela emergem”.

BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *La Adolescencia Normal*. Buenos Aires: Paidós, 1971.
- AMARAL, L. A. Adolescência. *Rev. Bras. Psicanal.* v. 1, p. 94, 1967.
- BICK, E. The Experience of the Skin in Early Object-Relations. *Int. J. PsychoAnal.* v. 49, p. 484, 1968.
- BION, W. R. *Aprendiendo de la Experiencia*. Buenos Aires: Paidós, 1962b.
- _____. *Elementos de Psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé, 1966.
- _____. *Transformaciones*. Buenos Aires: Hormé, 1968.
- _____. *Volviendo a Pensar*. Buenos Aires: Hormé, 1967.
- _____. *Atención e Interpretación*. Buenos Aires: Paidós, 1974.
- BLEGER, J. e cols. *La Identidad en el Adolescente*. Buenos Aires: Paidós-Asappia, 1973.
- BLOS, P. *Psicoanálisis de la Adolescencia*. México: Joaquin Mortiz, 1975.
- BOWLBY, J. *Attachment and Loss*. v. I-II. Nova York: Basic Books, 1969.
- CARVAJAL CORZO, G. *Adolecer: La Aventura de una Metamorfosis*. Santafé de Bogotá: Tiresias, 1993.
- CASSORLA, R. M. S. *Aspectos sobre o Processo de Dessimbiotização na Adolescência*. Trabalho apresentado em reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 22/5/1991.
- CHODOROW, N. *Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da Mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.
- ERIKSON, E. *Infancia y Sociedad*. Buenos Aires: Hormé, 1973.
- _____. *Adolescence et Crise: La Quête de L'identité*. Paris: Flammarion, 1972.
- FREUD, A. La Adolescencia en quanto Perturbación del Desarrollo. In: Caplan, C.; Lebovici, S. (organizadores). *Anna Freud y outros: El Desarrollo del Adolescente*. Buenos Aires: Paidós, 1972.
- FREUD, S. Tres Ensayos para una Teoría Sexual. *Obras Completas*. v. II. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. Totem y Tabu. *Obras Completas*. v. II. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.

- FREUD, S. Introducción al Narcisismo. *Obras Completas*. v. II. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. El Yo y El Id. *Obras Completas*. v. III. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.
- HINSHELWOOD, R. D. *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas-Persona, 1992.
- HOLANDA FERREIRA, A. B. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- KANCYPER, L. Adolescencia y Desidentificación. Argentina, *Rev. Psicoanal.* v. 47, pp. 750-60, 1990.
- KERNBERG, O. *Mundo Interior e Realidade Exterior*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- KLEIN, M. The Importance of Symbol-formation in The Development of The Ego. *WMK*, v. 1, pp. 219-32, 193a.
- _____. A Contribution to The Theory of Intellectual Development, *WMK*, v. 1, pp. 236-47, 1931.
- _____. *Psicanálise da Criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- KOHUT, H. *Análise do Self*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- LEBOVICI, S.; SOULÉ, M. *La Connaissance de l'enfant par la Psychanalyse*. Paris: PUF, 1972.
- MAHLER, M. *Symbiose Humaine et Individuation: Psychose Infantile*. Paris: Payot, 1973.
- McDOUGALL, J. *Conferências Brasileiras*. Rio de Janeiro: Xenon, 1987.
- MELLO FILHO, J. *O Ser e o Viver: uma Visão da Obra de Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- MELTZER, D. *Estudos Sexuais da Mente*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- _____. L'objet esthétique. *Rev. Franç. Psychan.* v. 49, pp. 1385-99, 1985.
- NATHAN, T. *Psychanalyse et Copulation des insectes*. Grenoble. La Pensée Sauvage, 1983.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. *A Psicologia da Criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- PINOL-DOURIEZ, M. *Bébé agi, Bébé actif: l'Émergence du symbole dans l'économie interactionnelle*. Paris: PUF, 1984.
- SPITZ, R. *O Primeiro Ano de Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- STERN, D. *O Mundo Interpessoal do Bebê: Uma Visão a partir da Psicanálise e da Psicologia do Desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

- STOROLOW, R. D.; LACHMANN, F. M. *Psicanálise das Paradas do Desenvolvimento: Teoria e Tratamento*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- TUSTIN, F. *Autistic States in Children*. Londres: Boston and Henley, Routledge and Kegan Paul, 1981.
- VERNY, T.; KELLY, J. *The Secret Life of the Unborn Child*. Nova York: Delta Book, 1981.
- WILHEIM, J. *A Caminho do Nascimento: Uma Ponte entre o Biológico e o Psíquico*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- _____. *O que é Psicologia Pré-Natal*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- WINNICOTT, D. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. *A Família e o Desenvolvimento do Indivíduo*. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.
- _____. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.